

LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA

Empoderamento
infantojuvenil: estéticas
dos corpos negros na
educação



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESCOLA DE DANÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**EMPODERAMENTO INFANTOJUVENIL: ESTÉTICAS DOS
CORPOS NEGROS NA EDUCAÇÃO**

Salvador

2020

LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**EMPODERAMENTO INFANTOJUVENIL: ESTÉTICAS DOS
CORPOS NEGROS NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz

Salvador

2020

LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA

**EMPODERAMENTO INFANTOJUVENIL:
ESTÉTICAS DOS CORPOS NEGROS NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Dança.

Salvador, 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz (Orientador) _____

Doutor em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, UNESP-SP, Brasil.

Universidade Federal da Bahia.

Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado _____

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA-BA, Brasil.

Universidade Federal da Bahia.

Profa. Dra. Elisete Santana da Cruz França _____

Doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia, UFBA-BA, Brasil.

Fundação Visconde de Cairu.

AGRADECIMENTOS

A Oyá Igbalé e todos os meus guias espirituais por me abençoarem e me guiarem ao longo de todos os caminhos percorridos em minha vida.

A minha mãe Janisia Oliveira e meu filho Yuri Marley por todo amor, carinho e estímulo.

Ao meu incrível orientador Fernando Ferraz pela parceria e ensinamentos essenciais nessa jornada.

A Elisete França e Amélia Conrado pela competência, disponibilidade e carinho sempre.

A Beth Rangel pelo apoio, carinho e confiança que vem de longa data.

As professoras/es e colegas da primeira turma do Mestrado Profissional em Dança (PRODAN).

A Edmilson pela colaboração na confecção dos jogos educativos.

As minhas alunas e alunos sem as/os quais esse trabalho não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Escola de Dança Universidade Federal da Bahia (UFBA), é uma pesquisa-ação que aborda o tratamento das questões étnico-raciais em uma escola da Rede Municipal de Educação de Salvador, a partir da Dança e dos jogos educativos. A pesquisa tem o objetivo de elaborar e desenvolver ações que facilitem o empoderamento infantojuvenil das/dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sobre as diversas estéticas dos corpos negros, em prol da valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, fortalecimento da autoestima das crianças negras e construção de uma educação antirracista. Foram utilizadas/os como aporte teórico as autoras Nilma Lino Gomes, Bell Hooks, e os professores e filósofos Molefi Kete Asante, Renato Noguera, dentre outros. Este trabalho de conclusão de curso encontra-se dividido em três partes: Memorial, Guia Afrocentrado de Arte-Educação e Artigos.

Palavras-chave: Dança. Empoderamento. Relações étnico-raciais. Educação.

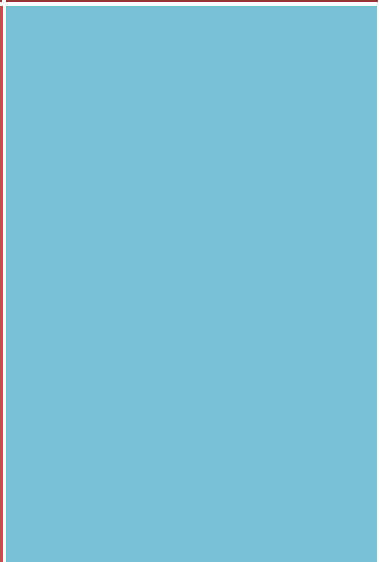
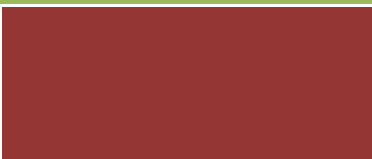
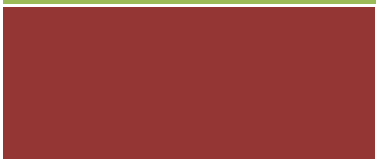
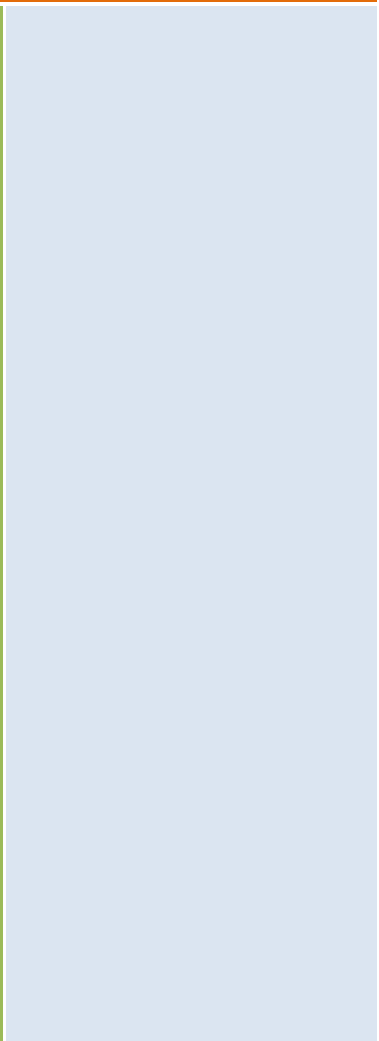
ABSTRACT

The present course conclusion paper presented to the Professional Postgraduate Program in Dance at the Dance School of the Federal University of Bahia (UFBA), is an action research that addresses the treatment of ethnic-racial issues at a school in the Education in Salvador, based on Dance and educational games. The research aims to develop and develop actions that facilitate the empowerment of children and adolescents in the early years of elementary school, on the different aesthetics of black bodies, in favor of valuing African and Afro-Brazilian history and culture, strengthening self-esteem of black children and building an anti-racist education. Authors Nilma Lino Gomes, Bell Hooks, and professors and philosophers Molefi Kete Asante, Renato Noguera, among others, were used as theoretical input. This course conclusion work is divided into three parts: Memorial, Afrocentric Guide to Art Education and Articles.

Keywords: Dance. Empowerment. Ethnic-racial relations. Education.



Memorial



SUMÁRIO

1	PRODAN ATO I: ITINERÂNCIAS FORMATIVAS	1
2	PRODAN ATO II: CASULO	3
3	PRODAN ATO III: BORBOLETA	11
3.1	Literatura infantojuvenil	13
3.2	Apreciação do documentário Personalidades NEGRAS	13
3.3	Calendário Afrocentrado	14
3.4	Banco de dados de imagens	15
3.5	<i>Eré Eko</i>: Jogos Educativos	20
3.6	Criação coreográfica: “Cabeleira”	23
3.7	Desfile da beleza negra	24
4	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	29
	APÊNDICES	38
	ANEXOS	57

1 **PRODAN ATO I: ITINERÂNCIAS FORMATIVAS**

Este memorial apresenta a minha trajetória em 2019/2020 como aluna regular do Mestrado Profissional em Dança- PRODAN da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mas antes de falar da minha trajetória no mestrado, falarei um pouco mais sobre mim. Sou Lorena Conceição Moreira de Oliveira, de nome artístico Lorena Oliveira, e comecei a dançar com quase 13 anos de idade, em 1993, como aluna do Curso Preparatório da Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia (FUNCEB), com aulas de balé clássico e dança moderna. Foi a escola da minha vida, passei toda a minha adolescência e parte da vida adulta nessa escola, me profissionalizei e tive a oportunidade de dançar com diversos profissionais da área.

Mesmo após passar no vestibular para Dança e ingressar na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1998, continuei com o meu elo com a FUNCEB, fazendo aulas, me aprimorando, e posteriormente como professora dos cursos preparatório e profissionalizante entre 2005 e 2008. Fui aluna também do *Ballet* Bahiano de Tênis e da *Advanced Ballet*, do meu querido e saudoso Carlos Moraes.¹

Dancei com diversos grupos de Dança de diferentes modalidades: dança afro, balé clássico, dança contemporânea, jazz, viajei bastante pelo Brasil e pelo exterior, ganhei bolsa de estudos para a *Alvin Ailey* em Nova Iorque (mas não fui por falta de recursos); e foi na FUNCEB que comecei a minha carreira de educadora, dando aulas de dança moderna, balé clássico e condicionamento corporal. Foi também na FUNCEB que fiz o meu estágio obrigatório do curso de licenciatura em Dança da UFBA.

Dois anos após o meu contrato REDA (Regime Especial de Direito Administrativo) com a FUNCEB acabar, fui aprovada no concurso de Camaçari, como professora de Dança da Casa da Criança e do Adolescente, e nesse mesmo ano (2010), passei no concurso para professora de Dança da Prefeitura de Salvador. Em 2012, já na prefeitura, senti a necessidade de aprimorar meus conhecimentos e fiz especialização em Arte Educação no Instituto de Educação Superior de Afonso

¹ Carlos Moraes foi um grande mestre de balé clássico, referência em todo o Brasil. Gaúcho, veio para a Bahia em 1971 e fixou residência, tornando-se o grande *maître* de balé clássico da Bahia, formando diversas (os) bailarinas (os) profissionais ao longo de sua carreira. Além do balé clássico, possuía grande conhecimento sobre o candomblé e a cultura popular, o que ficava explícito no hibridismo de suas coreografias.

Cláudio (ISEAC), concluída com a monografia intitulada de: **A importância da Dança no contexto escolar.**

E a partir da minha experiência como professora de Dança da Rede Municipal, percebi a urgência de se falar sobre questões étnico-raciais na escola, pois há uma demanda muito grande por parte de toda a comunidade escolar. Em 2018, além do trabalho desenvolvido como arte-educadora, comecei a atuar na vice-direção da Escola Municipal Comunitária da Histarte, no turno vespertino, de modo que pude observar e atuar de maneira ainda mais efetiva no tratamento dos diferentes problemas trazidos pela comunidade escolar, principalmente no que diz respeito às questões étnico-raciais com atendimentos individuais e coletivos com as/os estudantes com rodas de conversa, promoção de palestras e sugestão de atividades pedagógicas que contribuam para o fortalecimento da autoestima das crianças e adolescentes negras e negros da escola; e entendimento, respeito e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira (A Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino de “História e cultura afro-brasileira” dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Apesar disso, a sua efetiva prática no âmbito escolar ainda é insuficiente, necessitando de ações pedagógicas relevantes e que envolvam toda a comunidade escolar).

O público que atuo como arte-educadora na escola é formado por crianças de 8 a 12 anos de idade, dos anos iniciais do Ensino Fundamental (2º ao 5º ano), e no turno vespertino atuo como vice-diretora dessa escola em Salvador onde estudam adolescentes dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com a abertura do PRODAN, vi a possibilidade de trazer essas demandas tão relevantes relacionadas às questões étnico-raciais e políticas afirmativas na luta contra o racismo, para serem discutidas e visibilizadas na Academia, como meu tema de pesquisa em que se concretize o elo Universidade - Sociedade.

2 **PRODAN ATO II: CASULO**

Com muita felicidade ingressei no Mestrado Profissional em Dança da UFBA, dando início a uma nova etapa da minha vida. A turma de 15 estudantes é bem eclética e heterogênea, com algumas/ns velhas/os amigas/os queridas/os e outras/os novas/os colegas de jornada. Um prazer imenso retornar à minha querida escola, reencontrando professoras e professores pelas/os quais tenho muito carinho, e que fizeram e sempre farão parte da minha história.

Um prazer também conhecer as/os outras/os docentes do Programa, incluindo o meu orientador Fernando Ferraz, e poder criar novos laços, novos vínculos com pessoas tão especiais.

No primeiro semestre cursei duas disciplinas: **Projetos Compartilhados**, ministrada por Beth Rangel, Fernando Ferraz e Rita Aquino; e **Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança**, ministrada por Cecília Accioly e Lenira Rengel, além da **Prática Profissional Orientada I** com meu orientador Fernando Ferraz.

Em **Projetos Compartilhados** investiguei o meu tema e os problemas da pesquisa, os sujeitos e os contextos envolvidos, o tipo de pesquisa, a relevância social da mesma, numa elaboração gradual e constante, que dia após dia ia se modificando e tomando forma a partir dos estímulos dados, dos aportes teóricos e claro, da minha prática profissional.

Trabalhamos também em Projetos Compartilhados com a construção de uma linha do tempo onde cada um falava de si, de sua trajetória artística/de vida até ingressar no PRODAN, o que foi muito interessante para mim, no sentido de exercitar a escrita sobre si, compartilhar com a turma e também conhecer as trajetórias das/os colegas. Como produto final da disciplina, elaborei um anteprojeto norteador das minhas práticas profissionais iniciadas e tantas outras a serem desenvolvidas ao longo dos próximos semestres.

Além disso, organizamos a nossa participação no 6º Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança, da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA, com um relato de experiência sobre minha prática docente. Nos dividimos individualmente, em duos ou trios, a partir da proximidade dos temas de pesquisa ou dos contextos envolvidos. Trabalhei em trio juntamente com dois colegas, e apresentamos uma comunicação oral com o tema ***Ensino Afrocentrado: uma proposta para estética negra na dança***, onde abordamos questões étnico-

raciais na educação básica, numa perspectiva afrocentrada e os seus desdobramentos. Como conclusão apresentamos um artigo, selecionado para compor os Anais do evento, e que apresento nos anexos desse memorial.

Apresento aqui uma breve reflexão sobre um dos desdobramentos do artigo a partir da análise do termo afrocentricidade. O professor e filósofo negro estadunidense Molefi Kete Asante, criador do termo traz o seguinte conceito: “A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p. 93). E complementa: “Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora” (ASANTE, 2009, p.93).

O pesquisador Renato Nogueira define afrocentricidade da seguinte maneira:

Afrocentricidade consiste num paradigma, numa proposta epistêmica e também num método que procura encarar quaisquer fenômenos através de uma devida localização, promovendo a agência dos povos africanos em prol da liberdade humana. (NOGUERA, 2010,p.2)

Ao longo deste memorial eu usarei o termo afrocentricidade, pois coaduna com a minha forma de pensar e ver o mundo. E essa minha visão se dá sob a ótica e a perspectiva de mulher negra que sou. Desde pequena, apesar de nascer numa família de intelectuais, com consciência e orgulho de sua descendência africana, estávamos todas/os mergulhadas/os no eurocentrismo. Não existia a lei 10.639/03, não existiam livros didáticos nas escolas abordando a história e cultura do povo negro sob a perspectiva do povo negro. Quando se falava em negritude, era relacionando pessoas negras a escravas ou folclorizando a sua cultura. Não havia menção à estética negra...

Era um problema: não se via pessoas negras assumindo seus cabelos crespos como vemos hoje, a grande maioria dos cabelos das mulheres e meninas negras era alisado ou “relaxado”. O padrão de beleza era o mesmo que ainda é imposto nos dias de hoje, ou seja, o europeu; mas era muito mais difícil lidar com isso na época porque não tínhamos referências afrocentradas. O racismo era de certa forma velado, mas nem por isso menos cruel do que é hoje. E isso era considerado “normal” na época. Afrocentricidade para mim, é dar visibilidade a tudo o que diz respeito à negritude, à história e cultura africana, ao legado do povo negro

na África e na diáspora. É por exemplo tentar reparar os quase 400 anos de escravidão no Brasil, ou seja, a negação, o sofrimento, a invisibilidade, a violência física e psicológica, o não ter direito, o não ter acesso, o não ser gente....É dar voz ao povo preto. É o povo preto contar a sua história a partir do olhar sobre si e sobre os seus.

Afrocentricidade é uma questão de pertencimento. É a consciência que tenho sobre mim mesma enquanto mulher preta, na diáspora, lutando em uma sociedade racista e machista, por uma educação antirracista e igualitária para todas e todos. Desenvolvo a afrocentricidade no meu dia a dia analisando o mundo a partir de uma perspectiva própria, galgada nas minhas origens étnico-raciais, na minha ancestralidade e na história do meu povo; e não através da ótica do *outro*, dominante, que é uma ótica eurocêntrica.

6° ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA-2019 ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA (ANDA)



Figura 1 - Comunicação oral no Comitê Temático Dança e Diáspora Negra, Escola de Dança da UFBA durante a ANDA-2019.



Figura 2 - Escola de Dança da UFBA durante a ANDA-2019.

Na disciplina **Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança**, discutimos textos variados sobre educação na contemporaneidade e em épocas outras, analisando, questionando e refletindo sobre práticas pedagógicas utilizadas até os dias atuais e tantas outras obsoletas, mas ainda assim utilizadas por algumas pessoas. Essa matéria contribuiu e muito na reflexão sobre a minha práxis pedagógica no sentido de procurar estar sempre me reinventando, me atualizando e dialogando com o contexto no qual estou inserida, e as/os sujeitas/os envolvidas/os junto comigo nessa empreitada. Trabalhamos em equipes com *flash* seminários e desenvolvemos como produto final da disciplina, textos individuais e coletivos sobre as temáticas abordadas em sala de aula.

Neste primeiro semestre no PRODAN consegui delinear e definir melhor o meu tema e abordagem de pesquisa e alinhar à minha prática profissional, com maior entendimento sobre os caminhos a serem percorridos e as metas a serem alcançadas. Como aporte teórico nesse primeiro semestre comecei a ler autoras/es como Bell Hooks, Renato Nogueira, Nilma Lino Gomes, Grada Kilomba e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Todas/os elas/es falavam sobre negritude e a partir daí os

seus desdobramentos com o racismo, a educação, a afrocentricidade, as estéticas negras, a autoestima, a identidade, o pertencimento, a representatividade e daí por diante.

Ao final do semestre consegui traduzir o meu projeto de pesquisa no seguinte tema: **EMPODERAMENTO INFANTOJUVENIL: ESTÉTICAS DOS CORPOS NEGROS NA EDUCAÇÃO**; no qual falarei sobre como tratar questões étnico-raciais com crianças no âmbito escolar de uma escola da Rede Municipal de Educação de Salvador, a partir da Dança e da prática de jogos; em uma perspectiva curricular afrocentrada (que traga para o centro questões relacionadas a tudo o que se refere à negritude), que estimule o empoderamento infantojuvenil dessas crianças a partir do desenvolvimento da autoestima e de uma identidade racial positivada, afirmativa. O trabalho deseja favorecer a conscientização e a desconstrução de estereótipos e identidades marginalizadas sobre negritude, com ações elaboradas no ambiente escolar que visibilizem as diversas estéticas dos corpos negros, valorizando a história e cultura africana e afro-brasileira.

Atrelada a todo esse processo encontram-se as minhas orientações, essenciais para a construção da minha pesquisa, definição do meu objeto e estratégias a serem desenvolvidas, conduzidas pelo meu orientador **Fernando Ferraz**, fundamental nesse meu caminhar acadêmico.

Essas ações que já eram executadas ao longo da minha prática profissional, continuaram a se desenvolver durante o primeiro semestre e se fortaleceram ainda mais no segundo semestre, em 2019.2.

Em 2019.2 cursei as disciplinas **Prática Profissional Orientada II**, com meu orientador Fernando Ferraz, **Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade**, com Antrifo Sanches e Beth Rangel, e **Tópicos Especiais em Dança: Residências Artísticas e Pedagógicas**, com Daniela Guimarães e Rita Aquino.

Este semestre foi extremamente importante pois pude avaliar todo o roteiro elaborado das ações que eu coloquei em prática desde o primeiro semestre, percebendo o que deu certo e o que pode ser melhorado, o que realmente foi efetivo para as/os estudantes e o que não foi, o que funcionou e o que não funcionou ao se trabalhar negritude e estética negra com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, enfim; o que ficou de todo esse trabalho pensado, construído e desenvolvido para essas crianças da Rede Municipal de Educação de Salvador. Não

tenho respostas prontas, imediatas, pois trata-se de um longo processo em desenvolvimento. Consegui perceber a efetividade de algumas dessas ações em algumas crianças, em outras nem tanto, mas isso é um processo de construção identitária e de autoestima que não nasce repentinamente, ao contrário, resulta de muito afeto e trabalho. As sementes foram plantadas e quem sabe talvez um dia uma delas germine. Não é fácil, mas também não é impossível. A escola deve cumprir o seu papel de fazer valer a lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, mas isso tem que ser efetivo de fato, e não ficar só na teoria, dentro dos Projetos Político Pedagógicos das escolas, engavetados ou empilhados nas estantes empoeiradas das mesmas.

A parceria família/escola é essencial, extremamente importante nesta construção de valores e formação do ser humano. O grande problema é que muitas famílias, principalmente as do meu contexto de trabalho não possuem essa orientação afrocentrada e eu não posso culpá-las por isso. Foram 300 anos de escravidão e uma posterior educação eurocêntrica, onde nos foi ensinado e é “vomitado” todos os dias pela grande mídia, que o padrão do que é bom, belo e correto é branco, eurocêntrico, e tudo o que for diferente deste padrão é feio, é ruim, não serve, é marginal.

Trabalhar com jogos educativos com a temática étnico-racial em sala de aula foi extremamente funcional para alcançar os objetivos traçados anteriormente. Os jogos estimulam a criatividade, aguçam a inteligência e despertam os sentidos, de maneira lúdica e agradável. No produto final da disciplina **Tópicos Especiais em Dança: Residências Artísticas e Pedagógicas**, produzi um texto falando sobre as experiências vivenciadas através dos jogos artísticos e pedagógicos desenvolvidos ao longo da disciplina, fazendo uma relação com o meu tema de pesquisa que também utiliza os jogos como prática pedagógica.

Tivemos também no segundo semestre na disciplina **Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade**, diversas/os convidadas/os ilustres que nos presentearam com suas aulas e pesquisas desenvolvidas, nas quais pudemos fazer relações ou não com os nossos objetos de pesquisa. De todas/os as/os convidadas/os, as/os que mais me chamaram atenção, por se relacionarem com a temática que eu estou pesquisando foram o professor Dr. Eduardo de Oliveira e a professora Dra. Vanda Machado, e também, por similaridades outras, o professor Dr. Leonardo Sebiane e a professora Dra. Ciane Fernandes.

Como produto final desta disciplina, produzi um slide relacionando cada convidada e convidado com a minha pesquisa, e que será apresentado nos apêndices.

Em outubro de 2019, participei do **Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFBA**, na modalidade apresentação oral, com o tema: ***Empoderamento infantojuvenil***, mediada pelo meu orientador prof. Dr. Fernando Ferraz e pela profa. Dra. Márcia Mignac. Foi mais uma excelente experiência, na qual pude firmar um pouco mais o meu tema de pesquisa, e compartilhar experiências com as/os demais colegas.

Participo também do **GIRA- Grupo de Pesquisa em culturas indígenas e repertórios afro-brasileiros e populares**, que é um grupo de pesquisa da Escola de Dança da UFBA, coordenado pelo meu orientador, prof. Dr. Fernando Ferraz e pela profa. Dra. Amélia Conrado. Segue a descrição do grupo: “O Grupo intenta o aprofundamento de estudos voltados aos saberes e fazeres das artes e culturas indígenas, da diáspora africana e populares; seus desdobramentos no campo artístico e suas mediações, performances e traduções na contemporaneidade.

Fomentar a produção de conhecimento no campo teórico e poético, bem como, nas formas de transmissão de saberes e memórias; promover interações em rede nos seus diversos níveis e propor mediações entre as distintas universidades e grupos de pesquisa em nível regional a internacional. As ações do grupo visam o reconhecimento e intercâmbio de práticas que auxiliem na difusão, registro e produção de materiais didáticos que possam ser devolvidos para as comunidades tradicionais, produtores culturais e artistas independentes, por meio da construção de estratégias voltadas à autonomia e empoderamento dos setores sociais e políticos que compõem esta rede.”²

Os objetivos do GIRA se relacionam diretamente com a minha pesquisa que aborda as relações étnico-raciais no ambiente escolar a partir da Dança de maneira a promover um empoderamento infantojuvenil sobre as estéticas dos corpos negros.

A minha pesquisa foi concluída e eu elaborei como produto final, além deste Memorial e de dois artigos (um em 2019 em co-autoria, intitulado de **Ensino**

² Texto retirado de site do Diretório dos grupos do CNPQ: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/274105>.

afrocentrado: uma proposta para estética negra na dança, no 6º Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança da ANDA; e o outro finalizado em 2020, intitulado de **Eré Eko: jogos educativos**, para o VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança da ANDA – edição virtual), um documento escrito para as/os arte-educadoras/es da Rede Municipal de Educação de Salvador, batizado de Guia Afrocentrado de Arte-Educação; e que servirá de orientação para quem assim desejar, sobre como tratar/lidar/abordar questões étnico-raciais na escola. No ato da defesa, apresentarei os jogos pedagógicos desenvolvidos durante a pesquisa, a saber o kit de jogos *Eré Eko* (jogos educativos, em yorubá), que contém o *Ere Iranti* (jogo da memória) e o *Ere Domino* (jogo de dominó), como instrumentos materiais para visualização e que tem como objetivos principais discutir sobre representatividade de maneira lúdica, estimular a pesquisa sobre representatividade negra e seus legados de maneira a ampliar os referenciais de representação negra entre as/os estudantes.

Relato no Guia Afrocentrado de Arte-Educação, todas as práticas construídas e desenvolvidas por mim e pelas/os estudantes diariamente em sala de aula; sugestões de atividades, relato crítico das experiências e estratégias de ensino empregadas, sugestões de literatura negra para as/os professoras/es e para as crianças, e o que mais ocorreu, no intuito de contribuir com as/os colegas na abordagem e tratamento das questões étnico-raciais nas escolas, bem como no desenvolvimento de recursos pedagógicos antirracistas.

Durante o processo foram fundamentais as conversas com meu orientador, tanto presenciais quanto virtualmente, pois resultaram em indicações extremamente importantes que ajudaram no desenvolvimento e consolidação da minha pesquisa.

A minha pesquisa tem como objetivo geral: desenvolver procedimentos didático-metodológicos a partir da dança e da ludicidade, para o tratamento de questões étnico-raciais com crianças, em uma escola da Rede Municipal de Salvador, em uma perspectiva curricular afrocentrada, articulada à valorização das diversas estéticas negras.

E os objetivos específicos são: elaborar no ambiente escolar, ações que visibilizem as estéticas dos corpos negros; estimular o empoderamento infantojuvenil a partir do desenvolvimento da autoestima e de uma identidade racial positivada de crianças negras na faixa etária dos 8 aos 12 anos de idade; favorecer a conscientização e a desconstrução de estereótipos e identidades estigmatizadas e

marginais sobre a negritude; valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira.

3 PRODAN ATO III: BORBOLETA

A seguir, apresentarei todos os produtos concebidos, desenvolvidos e aplicados ao longo dos anos de 2019 e 2020. Executei os seguintes procedimentos pedagógicos: leitura de literatura infanto-juvenil de posicionamento afirmativo, apreciação de documentário com personalidades negras brasileiras, montagem de calendário afrocentrado, análise crítica de um banco de dados com imagens afro-referenciadas na dança, construção do combo de jogos educativos *Ere Eko* (*Ere Iranti*- jogo da memória e *Ere Domino*- jogo de dominó), criação coreográfica com tema afirmativo e desfile da beleza negra. Além destas atividades, encaminhei às/aos alunas/os como atividade remota, um caça-palavras com as personalidades do *Ere Domino*; enviei o *Ere Iranti* para cada estudante confeccionar o seu próprio jogo, e solicitei dos/das alunos/as uma pesquisa sobre uma das doze personalidades negras baianas do *Ere Iranti*.

Gostaria de ressaltar que o documentário apreciado, Personalidades NEGRAS, de Silvia Cristina foi escolhido no *youtube*³, que nesse momento se transformou em uma ótima ferramenta de pesquisa, devido a ampla oferta de materiais que podem ser utilizados como recursos didáticos. O vídeo escolhido apresenta uma edição sobre inúmeras personalidades negras brasileiras. Embora tenha uma montagem simples considerarei um recurso útil visto o panorama diversificado que apresenta. As/os estudantes se identificaram com uma ou mais personalidades, dentre elas/es atletas, artistas, jornalistas, heróis e heroínas negras/os, e escolheram a que mais se sentiram representadas/os. Meu intuito era estimulá-los a selecionar algumas personagens para a partir daí confeccionarmos um calendário afrocentrado. Essas mesmas personalidades escolhidas fizeram parte também da construção do jogo de dominó, porém, em 2020 essa atividade foi refeita, para serem apresentadas/os às crianças e adolescentes outras/os profissionais com posicionamento político mais afirmativo em relação à identidade negra; visto que algumas personalidades escolhidas, embora possuam grande visibilidade na mídia, não aproveitam esse lugar para construir um discurso mais crítico frente ao racismo e muito menos demonstrar um posicionamento relacionado à sua negritude,

³ O documentário será descrito ao longo deste memorial.

mantendo-se em abstenção diante do tema, colocando-se como figuras públicas apenas num patamar de celebridade, dinheiro e fama.

Por conta deste período pandêmico, eu mesma selecionei as personalidades negras brasileiras e estrangeiras que fazem parte do *Ere Domino*, fiz a arte final e confeccionei o combo de jogos *Eré Eko*. Para garantir a participação das/dos estudantes, encaminhei como atividade remota um caça-palavras com os nomes de todas as personalidades presentes no *Ere Domino*, e obtive um excelente retorno por parte das/dos estudantes.

A seguir apresento brevemente as atividades e produtos construídos nesse percurso. Cada atividade foi planejada previamente e executada nas aulas de dança de cada turma, que tem a duração de 100 minutos por semana, ou seja, duas aulas geminadas (eu opto por esse formato porque tenho mais tempo para desenvolver os trabalhos) de 50 minutos, por turma.

Antes de iniciar as atividades eu conversei com as/os estudantes, contextualizando o que vai ser abordado, e procurando perceber os seus conhecimentos prévios e interesse sobre o assunto em pauta. Para a minha felicidade, abordar relações étnico-raciais desperta a atenção da grande maioria do alunado, pois mexe diretamente com o emocional de cada um e de cada uma, com suas histórias de vida e com a percepção que essas crianças tem de si e do/a outro/a.

Estas atividades reforçam a importância de se combater e desnaturalizar os estigmas racistas relacionados aos corpos negros e os padrões de beleza eurocêntricos reproduzidos acriticamente pelas/os estudantes.

É importante frisar que esta pesquisa demonstrou a necessidade de incorporar a comunidade escolar nas discussões de cunho afirmativo e antirracista.

Ao reconhecer-se e ser visibilizada, a criança desenvolve o amor ao seu semelhante étnico. Também as crianças de outras raças/etnias, começam a ver a criança negra sem os estigmas inferiorizantes, passando a reconhecer suas diferenças sem hierarquias, respeitando-a e interagindo com ela no convívio escolar e fora dele. (SILVA, 2011, p.139)

Todas as produções elencadas a seguir serão detalhadamente apresentadas no Guia Afrocentrado de Arte-Educação.

3.1 Literatura infantojuvenil

Considero a utilização da literatura infantojuvenil que aborde de forma afirmativa o corpo e a cultura negra, essencial para o questionamento dos estereótipos racistas entre as/os alunas/os.

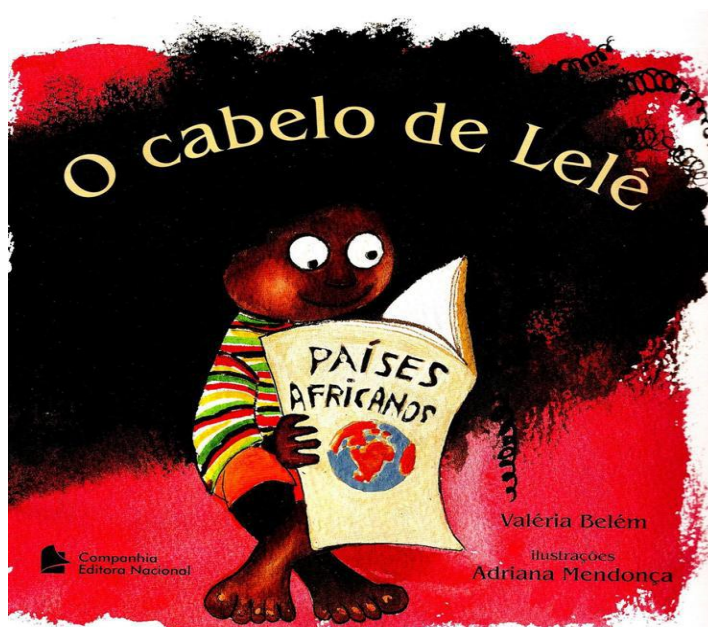


Figura 3 - Capa do livro *O cabelo de Lele*, de Valéria Belém.

<https://www.passeidireto.com/arquivo/75988880/o-cabelo-de-lele-valeria-belem>

3.2 Apreciação do documentário Personalidades NEGRAS



Figura 4 - Personalidades históricas negras. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=tOTRm4OAJhE&t=461s>

3.3 Calendário Afrocentrado



Figura 5 - Alunas/os do 2º ano A da Histarte. Foto: Cláudia Vila Nova

Segundo a escritora Beatriz Nascimento “É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos” (NASCIMENTO, 2018, p.330).

É de suma importância a criação de um repertório imagético que garanta a construção da identidade, considerando esta como um esforço compartilhado e em constante transformação. Identidades como entidades dinâmicas de reconhecimento, que conectem os seus desejos, subjetividades e solidariedade com a sua comunidade, de maneira que as potências e os sonhos de suas/eus integrantes sejam reconhecidos.

Esse calendário foi exposto na escola na culminância da semana da consciência negra, no mês de novembro. Após um período de exposição o material construído pelas/os alunas/os foi reimpresso e entregue às crianças para que elas pudessem brincar e se divertir com as suas próprias imagens. Notei grande interesse das/dos estudantes no manuseio destas imagens como em um jogo de dominó.

Posteriormente, este jogo foi reelaborado e batizado de **ERE DOMINO**, que significa jogo de dominó em yorubá. Considerei essa estratégia um procedimento

pedagógico eficaz, seja no reaproveitamento de materiais, seja porque possibilitou criar um jogo em que as/os discentes se reconhecessem e estivessem representados projetando nas imagens em jogo ambições e futuros possíveis.

3.4 Banco de dados de imagens

Este banco de dados de imagens não tem a pretensão de ser um banco de dados profissional, mas sim um material didático que sirva de consulta para as/os docentes utilizarem como recurso para o tratamento das relações étnico-raciais no ambiente escolar.

É importante salientar que as imagens escolhidas para a organização do banco de dados podem ser pensadas a partir de categorias que levem em consideração gênero, estilos de dança, idade e corpos por exemplo, para que se tenha um olhar aberto e acessível sobre a dança, contemplando assim a diversidade, para além da idéia de dança cênica profissional de palco. Nesse sentido, faço uma autocrítica em relação ao material selecionado que poderia abranger a presença de corpos negros: gordos, com deficiência, idosos e LGBTQIA+ na dança; mas isso não foi observado à época da construção deste material.

Seguem abaixo algumas das imagens utilizadas em sala de aula. Disponibilizo também o link do Google Drive para o acesso à todas as imagens catalogadas no banco de dados.

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/10mN1NibP1AB0LL8FDytsdIC8BS-csDL>



Figura 6 – www.mundobailarinistico.com.br



Figura 7 - jennasjamz.com

brown girl, your skin is gold.



Figura 3 - pinterest.com



Figura 9 - Wikidanca.net



Figura 10 - agenciapatriciagalvao.org.br

A figura 10 chama atenção para a questão do racismo disfarçado na expressão “cor da pele” que naturaliza a pretensa universalidade da cor branca. A existência hoje, de sapatilhas para a pele negra, nas suas diferentes matizes, revela

uma mudança nesse contexto crítico a favor de uma maior representatividade do corpo negro na dança clássica. Na minha época de bailarina não existiam meias e sapatilhas de balé para a pele negra. Eu dançava de meia e sapatilhas cor de rosa ou *salmon*, e confesso que não tinha a consciência do racismo embutido por trás disso. Ter hoje no mercado produtos para bailarinas/os negras/os é ter visibilidade, é um grande avanço, e mostra que nós negras/os existimos e consumimos como qualquer outra pessoa e queremos e temos o direito de sermos representadas/os. Sobre representatividade, Bell Hooks em *Olhares Negros: raça e representação* diz que:

Ao abrir uma revista ou um livro, ligar a TV, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca. Essas imagens podem ser construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca - o racismo internalizado. (HOOKS, 2019, p.32)

Ao verem as imagens que eu ia passando no *datashow*, alguns estudantes comentavam euforicamente quando viam as fotos de homens dançando, o que para muitos meninos é chocante por causa da educação doméstica machista que sempre tiveram, na qual “homem que é homem não dança”; ou se encantavam ao testemunharem bailarinas negras dançando balé, usando sapatilhas de ponta, o sonho de consumo do imaginário infantojuvenil de muitas meninas e também de suas famílias, materializado naquelas imagens que as representavam.

Em uma sociedade machista como a nossa, é comum vermos os discursos sobre o que é cabível ou não para um homem ou um menino e para uma mulher ou uma menina. Estes padrões sexistas tão cruéis são desde muito cedo impostos às crianças, a exemplo da escolha das cores azul (menino) e rosa (menina) para os bebês, mesmo antes do seu nascimento. Não que não se possa usar essas cores, mas as mesmas não definem ou estão diretamente ligadas ao gênero da criança, são apenas cores.

Partindo desse ponto de vista, não é surpreendente perceber o visível estranhamento de algumas crianças, quando se trata do corpo masculino na dança. Pensar a dança como uma atividade artística estritamente ligada ao feminino, é recorrente no ambiente escolar; e cabe a nós educadoras/es, auxiliar estas crianças que estão em processo de formação, a desconstruir esses padrões equivocados e distorcidos sobre gênero.

Sobre isso, Osmundo Pinho afirma com precisão que esses aspectos indicam “a importância da cultura corporal como uma forma de reflexão sobre a corporalidade (historicidade encarnada no corpo), rituais ou práticas de gênero” (PINHO, 2005, p.9). E segue dizendo que “[...] não existe uma forma natural de masculinidade, mas muitas masculinidades eventualmente conflitantes.” (PINHO, 2005, p.12).

Em uma perspectiva educacional, as/os docentes devem trabalhar o respeito à diversidade, afim de desconstruir modelos machistas preestabelecidos sobre as questões relativas ao gênero e sexualidade, que categorizam os modos de existência de acordo com masculinidades, feminilidades e sexualidades prescritivas.

Retomando a análise sobre o trabalho com o acervo de imagens, percebi uma dificuldade um pouco maior de valorização da dança afro, que apesar das imagens apresentadas serem consideradas belas pela maioria das/os alunas/os, ao mesmo tempo eram consideradas feias por uma minoria que dizia simplesmente não achar esse tipo de dança bonita, sem saber explicar com clareza a sua posição. Mais uma vez pude notar o quanto o racismo está muitas vezes presente no inconsciente das pessoas, na visão eurocêntrica da sociedade que nos cerca, na falta de educação estética para ver, conviver e valorizar aquela estética que você não foi educada/o a admirar e respeitar. Acredito que a apreciação de vídeos com espetáculos de dança afro, bem como convidar artistas de blocos afros para se apresentarem ou fazerem palestras na escola, seja uma estratégia eficiente para ressaltar a importância histórica dessa linguagem de dança para a cultura soteropolitana, e a afirmação da identidade negra no país.

3.5 *Eré Eko: Jogos Educativos*

a) *Ere Irantí*

PERSONALIDADES NEGRAS DO ERE IRANTI



Figura 11 - Mãe Stella de Oxóssi, Rita Batista, Margareth Menezes, Lazzo Matumbi, Dadá e Nadir Nóbrega

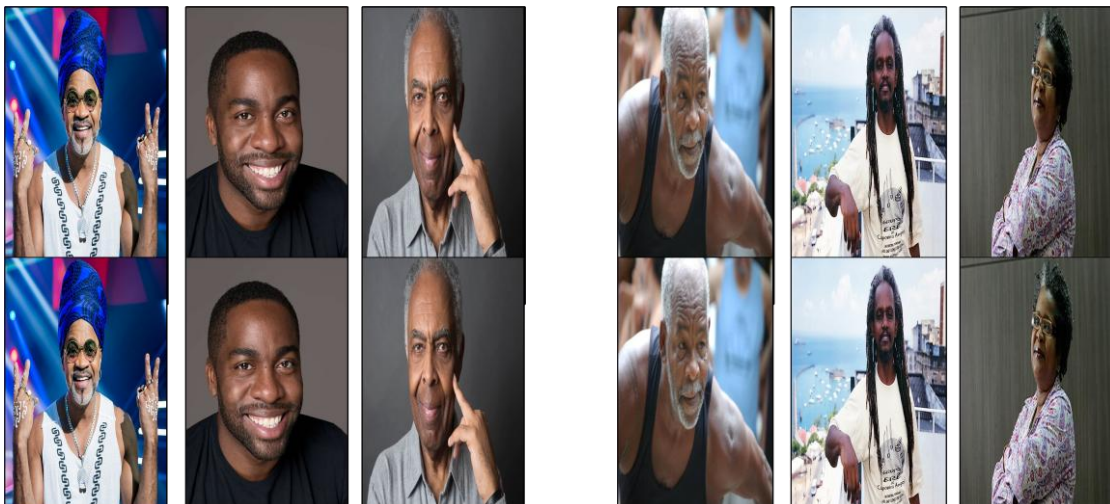


Figura 12 - Carlinhos Brown, Lázaro Ramos, Gilberto Gil, Mestre King, Mestre Môa do Katendê e Vilma Reis

b) Ere Domino

ERE DOMINO (PRIMEIRA VERSÃO)

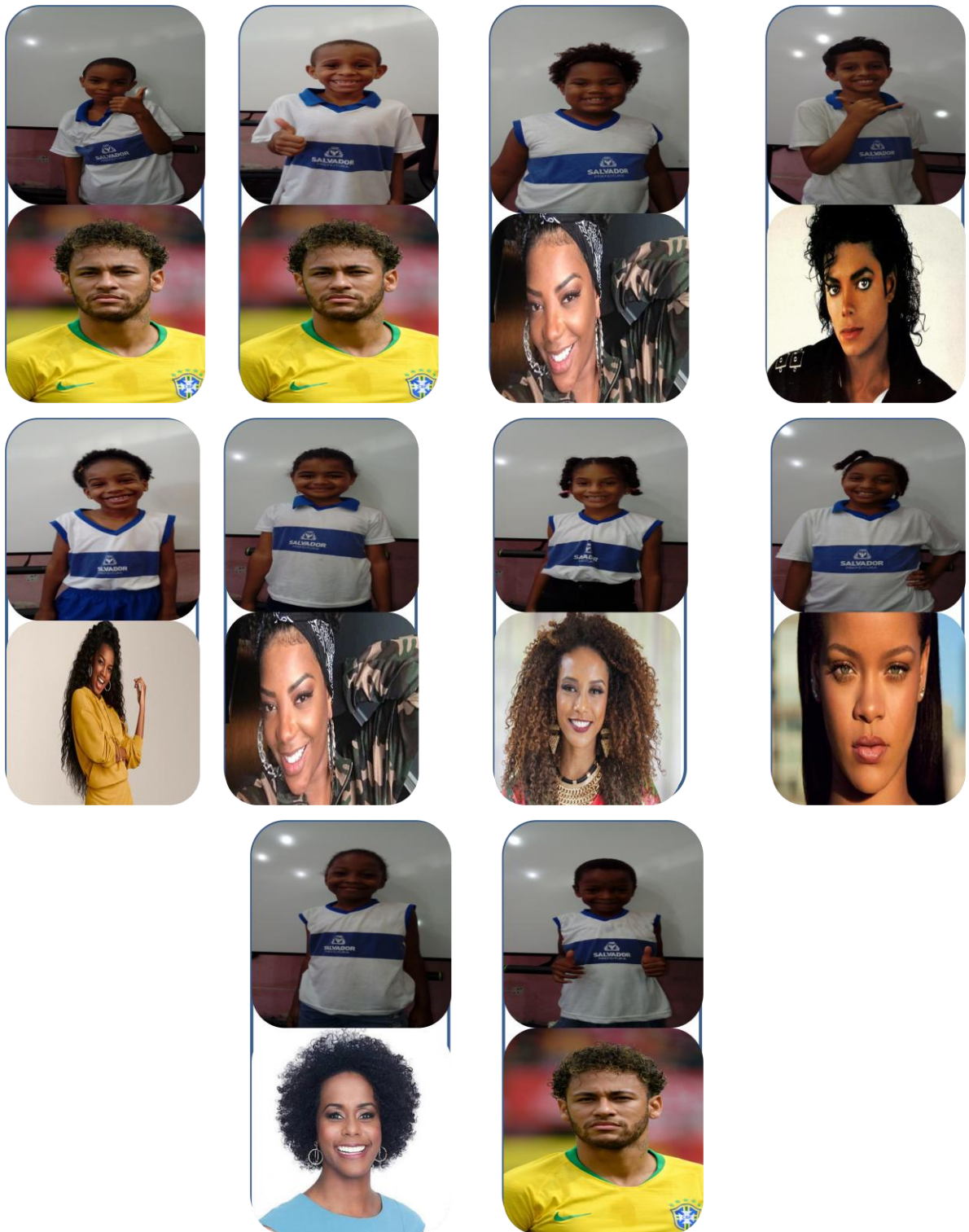


Figura 13 - Foto das/dos estudantes: Lorena Oliveira. Foto das personalidades - Sites diversos

ERE DOMINO (VERSÃO FINAL)

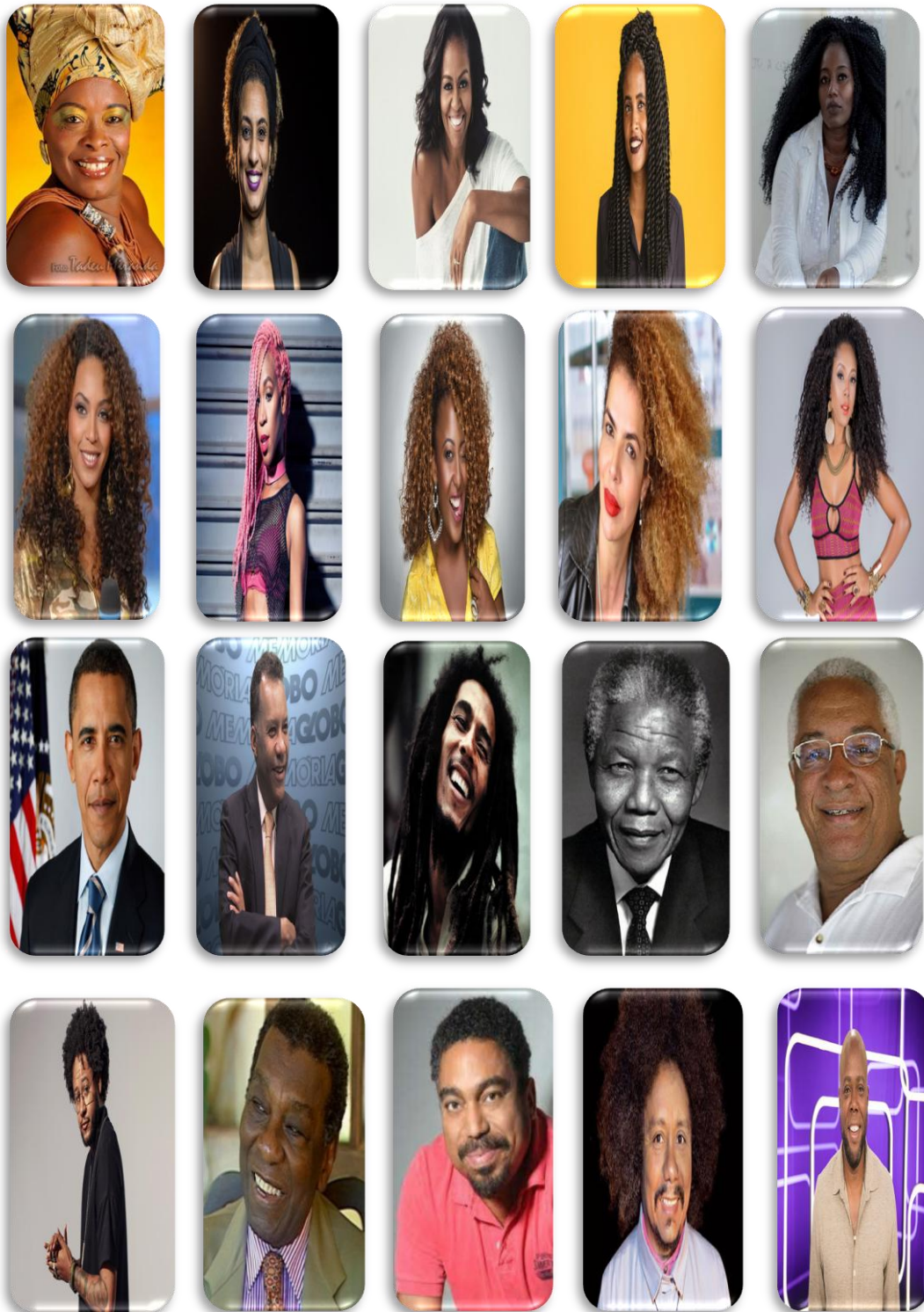


Figura 14 - Negra Jô, Marielle Franco, Michelle Obama, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Beyoncé, Karol Conka, Maíra Azevedo (Tia Má), Vanessa da Mata, Negra Li, Barack Obama, Heraldo Pereira, Bob Marley, Nelson Mandela, Jaime Sodré, Emicida, Milton Santos, Jorge Portugal, Chico César e Érico Brás (Sites diversos)

Link do Eré Eko no youtube: <https://youtu.be/Bg2EQtiwcwU>

3.6 Criação coreográfica: “Cabeleira”

O cabelo crespo figura como um importante símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui. Mesmo que a cor da pele seja mais clara ou mesmo branca, a textura crespa do cabelo, em um país miscigenado e racista, é sempre vista como um estigma negativo da mistura racial, e por conseguinte, é colocada em um lugar de inferioridade dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro. (GOMES,2019, p.18)



Figura 15 - Apresentação da coreografia Cabeleira durante a Semana da Consciência Negra em novembro. Foto: Fernando Ferraz



Figura 16 - Apresentação da coreografia Cabeleira durante a Semana da Consciência Negra em novembro. Foto: Fernando Ferraz

3.7 Desfile da beleza negra



Figura 17 - Desfile da Beleza Negra com a participação das/os alunas/os do 3º e 4º anos.

Foto: Andréa Bispo

Essa pesquisa, que começou a ser construída no 1º semestre de 2019 a partir das questões que a provocaram, foi concluída e os produtos finais propostos foram executados.

Foram reelaborados no ano de 2020 como parte do produto final, o kit de jogos educativos *Eré Eko*, onde constam o jogo de dominó (*Ere Domino*) e o jogo da memória (*Ere Iranti*), com personalidades negras que tem engajamento político no que se refere à negritude; esses jogos foram impressos em papel fotográfico adesivo e colados em MDF (placa de madeirite). Esse combo de jogos será descrito detalhadamente no Guia Afrocentrado de Arte-Educação.

Também foi elaborado um artigo intitulado de *Eré Eko: Jogos Educativos*, que trata sobre a construção e o desenvolvimento do combo de jogos educativos anteriormente citados, bem como a sua aplicabilidade prática na Rede Municipal de Educação de Salvador. Este artigo será apresentado nos apêndices deste memorial.

Outro produto finalizado foi o Guia Afrocentrado de Arte-Educação, que será entregue à Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED), cujo objetivo é apresentar os resultados dessa pesquisa, seus procedimentos e produtos como contribuição ao tratamento cidadão das questões étnico-raciais nas escolas do município.

4 CONCLUSÃO

A pandemia do Novo Corona Vírus assolou o mundo inteiro e pegou a todas/os nós de surpresa. Isso se refletiu demais na continuidade do processo de pesquisa, principalmente no que diz respeito às aulas presenciais e todas as ações desenvolvidas no âmbito escolar que foram repentinamente suspensas.

Para as/os alunas/os do Ensino Fundamental 1, a SMED disponibilizou em seu portal, atividades pedagógicas de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia, para serem impressas pelas equipes gestoras das escolas, e entregues semanalmente às famílias, para que as crianças executassem as atividades em casa, e as entregassem na escola na semana posterior ou no final da pandemia. As disciplinas Dança, Música, Teatro, Artes Visuais, Educação Física e Língua Estrangeira não foram contempladas nessas atividades.

Já para o Ensino Fundamental 2, a SMED fez uma parceria com uma plataforma de estudos de São Paulo, na qual as/os alunas/os se cadastram e tem acesso às *lives* das disciplinas no turno matutino (com as/os professoras/es paulistas) e às *lives* com as/os professoras/es voluntárias/os (porque não foi contabilizado como carga horária) da Rede Municipal de Educação de Salvador, no turno vespertino. Em junho, docentes voluntárias/os passaram a gravar *lives* na SMED para exibição em dois canais abertos de Salvador, para o acesso das/os estudantes que em sua grande maioria, não possuem internet.

Todas essas mudanças abruptas dificultaram a aplicabilidade prática de algumas ações como a reprodução de material audiovisual com novas personalidades negras, e a construção ou reconstrução coletiva dos jogos, já que as aulas foram suspensas e não houve previsão oficial de retorno.

Apesar disso, foi apresentado à banca examinadora um vídeo com a primeira versão do *Ere Irantí*, feito de papelão e papel ofício.

Contudo, foi iniciada no mês de agosto por parte de cada equipe pedagógica de cada escola, a elaboração de material didático para ser entregue às/aos estudantes, como atividade remota. Com isso, produzi atividades pedagógicas e encaminhei à minha unidade escolar para envio às/aos alunas/os.

As atividades enviadas foram: o próprio *Ere Irantí* para recortar e colar, assim cada estudante confeccionou em casa e brincou com o seu próprio jogo da memória; uma pesquisa escrita no caderno sobre uma das personalidades negras da Bahia que constam no *Ere Irantí*; um caça-palavras para as/os estudantes localizarem os

nomes das personalidades negras brasileiras e estrangeiras que estão presentes no *Ere Domino*; e a indicação de apreciação do documentário do *youtube* Conceitos e história da Dança, do canal *Pensando o Movimento*⁴, que aborda a História da Dança de forma dinâmica e com representatividade de conteúdo e imagens afrorreferenciadas.

Obtive o retorno de algumas destas atividades, o que muito me emocionou e corroborou a importância da abordagem da temática étnico-racial nas escolas, mesmo de forma remota.

Como finalização, apresentamos neste Trabalho de Conclusão de Curso:

- O presente **Memorial** com a descrição analítica do processo de pesquisa;
- O **Guia Afrocentrado de Arte-Educação**, material didático elaborado para fornecer contribuições aos referenciais pedagógicos empregados nos anos iniciais do ensino fundamental; é um documento que será apresentado e protocolado junto a Secretaria Municipal de Educação de Salvador - SMED, com o intuito de que seja apreciado pela diretoria pedagógica da referida secretaria, e posteriormente disponibilizado às/aos arte-educadoras/es da Rede Municipal de Educação de Salvador;

- **Dois artigos**: o primeiro desenvolvido para o 6º Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) em 2019, e o segundo escrito para o VI Congresso Científico Nacional dos Pesquisadores em Dança – Edição Virtual, da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), que ocorreu em setembro de 2020;

- **Eré Eko** – Jogos Educativos.

A minha pesquisa se diferencia do que já foi feito até hoje no que diz respeito à temática étnico-racial pela participação direta das/os sujeitas/os implicadas/os neste processo no desenvolvimento das ações propostas, e não uma atuação exterior pronta e acabada onde as/os sujeitas/os sejam meros coadjuvantes. O tema da pesquisa bem como o desenvolvimento das atividades propostas, surgiram por uma necessidade urgente de representatividade, de melhoria da autoestima, de autoconhecimento, de pertencimento e de empoderamento que essas crianças tanto necessitavam.

Quando eu falo em empoderamento infantojuvenil eu falo sobre o

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=bwOkqQYpYYc>

entendimento que cada criança ou adolescente consegue ter sobre a sua cor da pele, o seu tipo de cabelo, e sua ancestralidade, de maneira positiva. É essa criança ou adolescente ter autonomia sobre o seu próprio corpo, valorizando-o e respeitando-o, e percebendo que é através dele que se dará a sua relação com o mundo; e que muitas vezes essa relação será extremamente difícil por causa dessa falta de educação estética resultante do racismo. Obviamente essa construção é demorada, não surge da noite para o dia, ela é feita cotidianamente, e as crianças estão em processo de formação identitária, por isso o quanto antes começar a se reconhecer enquanto criança negra melhor, porque mais cedo poderá se empoderar e combater à sua maneira, o racismo presente em nossa sociedade.

Por isso é tão importante criar mecanismos que estimulem a criança a pensar sobre si e o seu lugar no mundo, atrelando essa reflexão à sua ancestralidade, em uma perspectiva crítica da sociedade, de não aceitação de imposições hegemônicas de padrões estéticos, de não conformismo com os estigmas dos corpos negros, da importância do autocuidado e do cuidado com o seu semelhante, em busca da realização dos seus sonhos, dos seus desejos, a partir de novas descobertas.

Após a análise das atividades acima descritas, afirmo sem hesitar que podemos sim combater todo e qualquer tipo de racismo, intolerância e/ou discriminação racial no ambiente escolar a partir da dança e dos jogos.

Pensando especificamente sobre a dança e sua contribuição enquanto área do conhecimento, a dança auxilia as/os estudantes na construção de imagens positivadas sobre a negritude a partir de seus próprios corpos. Na dança, o corpo em movimento propicia novas descobertas de si, potencializa habilidades, desperta curiosidades, traz alegria, liberdade e evoca o autoconhecimento. Transcende a fisicalidade e adentra o patamar das emoções, da criatividade. O nosso corpo é a porta de entrada para o mundo, é através dele que as relações se desenvolvem.

O corpo sofre a ação dos significados a ele atribuídos. Ele sofre a invasão de signos que se apropriam de seu território como metáfora e cria-se efetivamente um corpo de metáforas. Um corpo é uma construção cultural, por isso ele é território dos sentidos. Sente na sua pele os apelos do mundo e sofre em sua extensão o amálgama da cultura. (OLIVEIRA, 2005, p.103)

Sendo o corpo o “cartão de visitas” para a manifestação do racismo; nada melhor do que a Dança, a arte do movimento, para auxiliar na melhoria da autoestima das/os estudantes, a partir de atividades artísticas que exibem, valorizam e representam esses corpos negros de maneira positiva e potente, contribuindo para

uma educação efetivamente antirracista e facilitadora de um empoderamento infantojuvenil sobre as estéticas dos corpos negros.

Além disso, através da ludicidade dos jogos educativos, as crianças tem a oportunidade de conhecerem, valorizarem e respeitarem a etnia afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução: Denise Bottmann.- 1.ed . São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AGUSTONI, Prisca. **O mundo começa na cabeça**. Ilustrações: Tati Móes. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen,2019. 152 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).
- ALBUQUERQUE, Wlamyra e FRAGA, Water. **O que há de África em nós**. Ilustrações: Pablo Mayer. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).
- ARAÚJO, Denise Bastos de, CRUZ, Izaura Santiago da, DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade nas escolas**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2018.
- BARROS, Zelinda dos Santos. Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras nas escolas: rumo ao desvinculamento epistêmico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as)** - ABPN , v. 7, p. 69-91, 2015.
- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustrações: Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional,2007.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen,2019. 184 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).
- BOTTON, Andressa, STREY, Marlene Neves. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v.11, n.2, p. 54-66, jan./jun. 2018.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: junho, 2007.
- BRITO, Daniela de. **Lápis cor de pele**. Ilustrações: Polly Duarte. 1 ed.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem**. Tradução: José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia Lda, 1990.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. 1 ed- Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CARREIRA, Denise e SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Guia metodológico – educação e**

relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** 6 ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001.

CHERRY, Matthew A. **Amor de cabelo.** Ilustrações: Vashti Harrison. Tradução: Nina Rizzi. 1 ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. Artes Cênicas negras no Brasil: Das memórias aos desafios na formação acadêmica. **Repertório**, Salvador, ano 20, n. 29, p. 68-85, 2017.2.

COSTA, Joaze Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado, GROSFOGUEL, Ramón (organizadores). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

COSTA, Madu. **Koumba e o tambor diambê.** Ilustrações: Rubem Filho. 2 ed. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

COSTA, Madu. **Meninas negras.** Ilustrações: Rubem Filho. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

COSTA, Marco Antônio F. da, COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça.** 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural.** Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

EMICIDA. **Amoras.** Ilustrações: Aldo Fabrini. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. Danças negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes. **Revista Eixo**, ISSN 2238-5630. Brasília-DF, v.6, n.2 (Especial), novembro de 2017.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. Identidades negras na dança: epistemes e anunciações. **Cadernos do GIPE-CIT**, ano 21, n.39, 2017-2. O Discurso Negro nas Artes Cênicas: processos, pesquisas, poéticas e epistemes.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. **Educação e diversidade étnico-cultural: concepções elaboradas por estudantes no âmbito da Escola Municipal helena Magalhães.** 2008. 210 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2008.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças, FERREIRA, Fernando Ilídio da Silva. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. **ISSNe 1980 – 4512.** V. 19, n. 36, p. 252-271, jul – dez 2017.

FRANÇA, Elisete Santana da Cruz et AL. Masculinidades como se constitui no âmbito social? **Anais V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/30633>>

FRANÇA, Gisela Wajskop. **O papel do jogo na educação das crianças**. Série Idéias n.7. São Paulo: FDE, 1995.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações: Juliana Barbosa Pereira. 1. ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, pp. 98-109, Jan/ Abr 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3.ed rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

GONÇALVES, Veruska Barreiros. **Moda afro-baiana: comunicação e identidade através da estética afro**. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado), Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações: Chris Raschka. Tradução: Nina Rizzi. 1 ed. São Paulo: Boitatá, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Tradução: Jess Oliveira. 1 ed - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Nara de Cervino Teixeira. Geração afrotombamento baiana: a estética negra como meio difusor de empoderamento. **13º Colóquio de Moda**. 11 a 15 de outubro de 2017. UNESP, Bauru-SP.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LIGIÉRO, Zeca. O conceito de “motrizes culturais” aplicados às práticas performativas afro-brasileiras. **R. Pós Ci. Soc.** V.8, n.16, jul./dez. 2011.

LIMA, Cledson Severino de, REIS, Maria da Conceição dos, SILVA, Delma Josefa da. Afrocentricidade e Educação: um legado epistêmico para as pesquisas educacio-

nais. **Revista Semana Pedagógica**, v.1, n.1/2018. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revisapedagogica>

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Identidades e cultura afro-brasileira: a formação de professoras na escola e na universidade**. 2007. 224 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2007.

LIMA, Tamires. **Tóim, cadê você?** Ilustrações: Tamires Lima. Salvador: Secretaria da Educação, Secretaria de Cultura, 2014.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira**. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2014.

MARTINS, Edna, CANDIDO, Renata Marcilio. Práticas educativas de famílias negras e relações étnico-raciais: uma experiência em formação de professores. **ETD-Educ.Temat.Digit**. Campinas, SP, v.18, n.3, p.690-709, jul./set. 2016.

MATIAS, Emanuela Ferreira, RIBEIRO, Rosa Maria Barros. A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. **Anais do VI Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande, Vol. 1 Ed.4, ISSN 2316- 1086, Realize Editora, 2015.

MATTOS, Ivanilde [Ivy] Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. Pontos de interrogação, v.5, n.2, jul./dez., 2015. **Revista do Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural**. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II- Alagoinhas-BA.

MIZAEL, Náíade Cristina de Oliveira, GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. **Revista eletrônica da Pós- Graduação em Educação**. UFG- Regional Jataí. ISSN 1807-9342. V.11,n.2, 2015.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamilia Ribeiro).

MOREIRA, Anália de Jesus. **As concepções de corpo na Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê: um estudo a partir da história do bloco e das práticas pedagógicas das Escolas Banda Erê e Mãe Hilda**. 2013. 136 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação e Práxis Pedagógica, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2013.

MOURA, Terciana Vidal. **Tirando a máscara: as relações raciais na escola**. 2006. 226 p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2 edição revisada/ Kabengele Munanga (organizador). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Daniela Galdino. **O terceiro espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03**. 2019. 356 f. Tese (Doutorado), Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2019.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488 páginas. 1º edição.

NYONG'O, Lupita. **Sulwe**. Ilustrações: Vashti Harrison. Tradução: Rane Souza. 1 ed. São Paulo: Rocco Pequenos Leitores, 2019.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afro-centrado. In: **Revista África e Africanidades**, v. III, p. 01-18, 2010.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.4, n.2, dezembro/2011.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. **Revista sul-americana de filosofia e educação-RESAFE**. Número 31: mai./out. 2019, p.53-70. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28256>

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de, SILVA, Jussara Alves da. Práticas Afroperspectivadas e griotagens em educação. **Revista da ABPN**, v.12, n.31, dez 2019- fev 2020, p. 72-94.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Black Power de Akin**. Ilustrações: Rodrigo Andrade. São Paulo: Editora de Cultura, 2020.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black Power de Tayó**. Ilustrações: Taisa Borges. 1 ed. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Tentando definir a estética negra em dança. **Repertório**, Salvador, n.24, p. 128-136, 2015.1.

PARR, Todd. **Tudo bem ser diferente**. Ilustrações: Todd Parr. Tradução: Marcelo

Bueno. São Paulo: Panda Books ,2002.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores- contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03**. Fortaleza: Ed UECE,2015.

PINHO, Osmundo. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador. **Revista Estudos Feministas (on line)** 2005, vol.13, n.1, pp.127-145. ISSN 1806-9584.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03**. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro (RJ), 2017.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. - 1 ed- Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RAMOS, Lázaro. **Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser**. Ilustrações: Ana Maria Sena. 1 ed. São Paulo: Carochinha, 2019.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica**. 1 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições 2011.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Ilustrações: Rubem Filho. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. 1 ed. São Paulo: Pólen, 2019.

ROSA, Sonia. **O menino Nito**. Ilustrações: Victor Tavares. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2002.

SACRAMENTO, Cristina Carla, JUNIOR, Laerthe de Moraes Abreu. Educação para relações étnico-raciais e seus desdobramentos históricos: os discursos sobre os negros no livro didático de História do Brasil *Nossa Patria*, de Rocha Pombo. **Poiésis**, Tubarão. V.8, n.13, p. 248-264, Jan/Jun, 2014.

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Ilustrações: Hyvanildo Leite. 1 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SANTOS, Aretusa. **Identidade negra e brincadeira de faz-de-conta: entremeios**. 2005. 164 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2005.

SANTOS, Jadiel Ferreira. **ÒKÒTÒ: dança desobediente afrocentrada, caminhos para a formação em Dança no Ensino Superior sob os estudos das relações**

étnico-raciais brasileiras. 2018. 246 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2018.

SANTOS, Marluse Arapiraca dos. **Representação de gênero e raça no ensino fundamental: a construção da identidade do ser “Menina Negra” e do ser “Menino Negro”**. 2009. 191 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2009.

SANTOS, Nadia Farias do. **Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações étnico-raciais no cotidiano escolar**. 1 ed. Curitiba: Appris Editora, 2018.

SANTOS, Rhaul de Lemos. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. **X Copene – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. 12 a 17 de outubro de 2018/ Uberlândia - MG.

SANTOS, Simone Magalhães. **Dinâmicas para a escolarização da criança negra em Salvador: a experiência da Escola Criativa do Olodum – ECO**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2015.

SANTOS, Terezinha Oliveira. **“Só agora eu falo alto”: reflexões acerca de “raça”, linguagem e gênero na formação docente em EJA**. 2010. 142 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2010.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Elizabeth de Jesus da. **Jogos e corpos na educação das relações étnico-raciais: os jogos africanos no ensino regular e de tempo integral em escola pública da Bahia/Brasil**. 2018. 1 CD-ROM: Il. ;4 ¼ pol. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2018.

SILVA, Elizabeth de Jesus da. **Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos *mancala* na aprendizagem da educação das relações étnico-raciais**. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2011.

SILVA, Luciane, SANTOS, Inaicyr Falcão dos. Colonialidade na dança e as formas africanizadas de escritas de si: perspectivas sul-sul através da técnica Germaine Acogny. **Conceição| Concept.**, Campinas, SP, vol.6,n.2,p. 162-173, jul./dez. 2017.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Ossain como poética para uma dança afro-brasileira**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2016.

SILVA, Patrícia Santos. **Representação estética: a identidade étnico racial de**

crianças a partir de bonecas/os negras/os. 2018. 137f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e, BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. **O pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro.** São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1997.

SILVA, Samia Paula dos Santos, MEDEIROS, Jarles Lopes de, DELFINO, Jair, MATIAS, Emanuela Ferreira, RIBEIRO, Rosa Maria Barros. A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. **Anais do VI Fórum Internacional de Pedagogia.** Campina Grande, Vol. 1 Ed.4, ISSN 2316- 1086, Realize Editora, 2015.

SILVA, Viviane de Paula, MUNIZ, Kassandra da Silva, SILVA, Elton José da, NASCIMENTO, Amanda Sávio. Baú de Ashanti: uma proposta de software educacional para o ensino e conscientização de questões étnico-raciais e de gênero. VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2017). **Anais dos Workshops do VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação (WCBIE 2017).**

SILVEIRA, Marta Íris Camargo Messias da. **O movimento social negro: da contestação as políticas de ações afirmativas e a implicação para aplicação da Lei Federal 10.639/03 – o caso da rede municipal de ensino de Santa Maria – RS.** 2009. 295 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2009.

SOARES, Marília Carvalho. **Relações raciais e subjetividades de crianças em uma escola particular na cidade de Salvador.** 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado), Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2011.

SOARES, Rosana, SILVA, Carlos Alberto Silva da. Estética Negra e as possibilidades de emancipação na leitura de imagens. **Anais do VII Seminário Leitura de Imagens.** Florianópolis. Disponível em <https://www.udesc.br/ceart/nest/anais/viiseminarioleituradeimagens>

SOUZA, Edileuza Penha de. **TAMBORIZAR: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo.** 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2005.

ZONATTO, Celso. **Toinzinho apresenta Zumbi e o dia da consciência negra.** Desenhos e projeto gráfico: Celso Zonatto. Studio Luce & Magia. São Paulo: LAKE, 2001.

<https://afrohistoricos.com.br/>

<https://agenciapatriciagalvao.org.br>

<https://jennasjamz.com>

<https://medium.com/@faleafrofuturo/o-que-%C3%A9-afrocentricidade-ca1a0819b156>

<https://mundonegro.inf.br/dicas-para-a-menina-negra-de-hoje-ser-uma-mulher-feliz-no-futuro/>

<https://mundonegro.inf.br/duda-pimenta-me-sinto-honrada-em-representar-as-meninas-negras/>

<https://mundonegro.inf.br/livro-crespinhos-sa-autoestima-das-criancas-negras-por-meio-da-beleza-e-representatividade/>

<https://mundonegro.inf.br/o-pequeno-principe-preto-rodrigo-franca-nos-lembra-que-ancestralidade-tambem-e-coisa-de-crianca/>

<https://pinterest.com>

<https://www.afroinfancia.com.br/?v=1e7e8b26a7f5>

<https://www.amorabonecas.com.br/>

<https://www.geledes.org.br/yoruba-lingua-memoria-e-parte-da-consciencia-do-povo-negro/>

<https://www.ludijogos.com/multiplayer/domino/regras/>

<https://www.megajogos.com.br/domino-online/regras>

<https://www.mundobailarinistico.com>

<https://www.passeidireto.com/arquivo/75988880/o-cabelo-de-lele-valeria-belem>

<http://www.prittworld.com/brazil/www/pt/consumer/artesanato/jogos/o-jogo-da-memoria.html>

http://www.ssexbbox.com/wp-content/uploads/2019/02/manual_para_uso_nao_sexista_da_linguagem.pdf

<https://www.youtube.com/watch?v=bwOkqQYpYYc>

<https://www.youtube.com/watch?v=tOTRm4OAJhE&t=461s>

<https://youtu.be/Bg2EQtiwcwU>

<https://wikidanca.net>

APÊNDICES

APÊNDICE A- SLIDE ANTEPROJETO



Ante-Projeto de Pesquisa em Dança apresentado no componente Projetos Compartilhados, no Curso de Mestrado em Dança, Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para conclusão do componente.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ferraz

Salvador
2019

- Este é um projeto de pesquisa do Mestrado em Dança desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- A pesquisa- ação se dará com estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas turmas de 2º, 3º, 4º e 5º anos do turno matutino da Escola Municipal Comunitária da Histarte, situada no bairro de Brotas, em Salvador-BA.

- **Objetivo Geral:** desenvolver procedimentos didático-metodológicos a partir da dança, para o tratamento de questões etnicorraciais com crianças, na Rede Municipal de Salvador, em uma perspectiva curricular afrocentrada, articulada à valorização das diversas estéticas negras.

- **Objetivos Específicos:** elaborar no ambiente escolar , ações que visibilizem as estéticas do corpo negro; estimular o empoderamento infanto juvenil a partir do desenvolvimento da autoestima e de uma identidade racial positivada de crianças negras na faixa etária dos 8 aos 12 anos de idade; favorecer a conscientização e a desconstrução de estereótipos e identidades marginalizadas sobre negritude; valorizar a história e cultura africana e afrobrasileira.

- **Procedimentos Metodológicos Almejados:** análise de imagens afro-referenciadas, construção coletiva de calendário afro, criação coreográfica a partir de mitos africanos e literatura negra infanto juvenil; desfiles da beleza negra na escola e confecção de bonecas Abayomi, contribuindo assim para a formação integral dos sujeitos através da sensibilidade da arte.

- **Resultados:** elaboração e proposição de um material didático- pedagógico que respalde a atuação dos docentes em dança nas escolas municipais da cidade de Salvador.

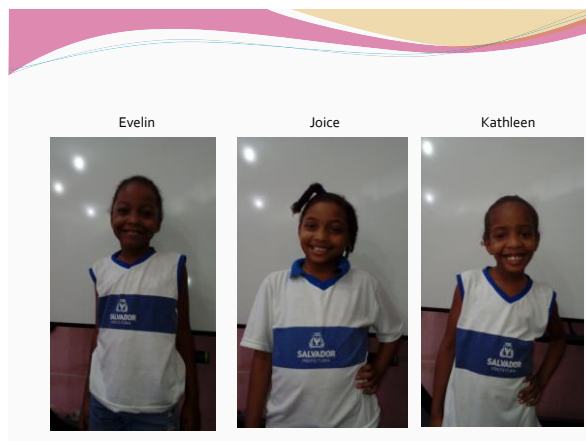
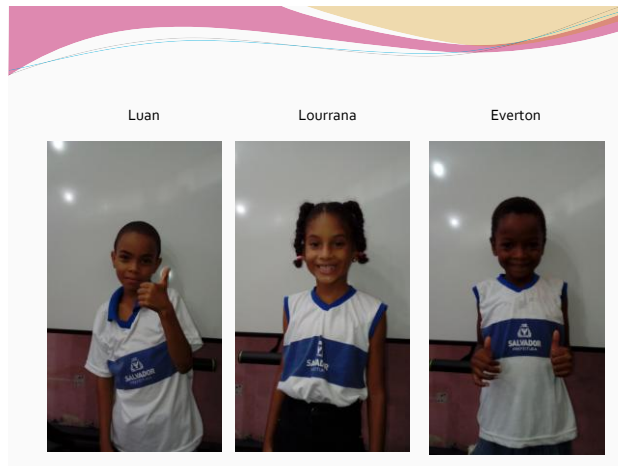
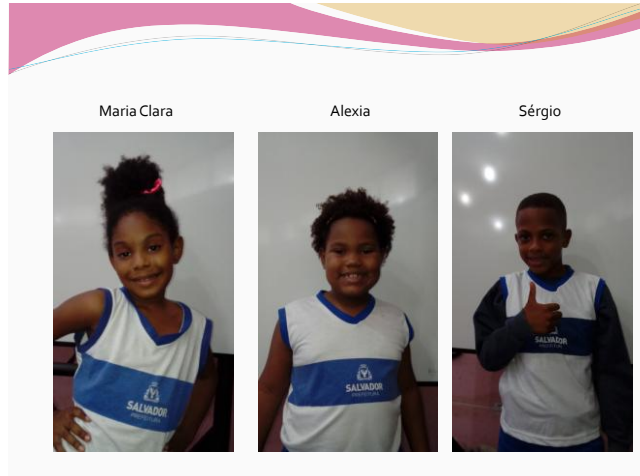
- **Referencial:** servirão como aporte teórico o autor Renato Nogueira (afrocentricidade e relações etnicorraciais na educação); a autora Nilma Lino Gomes (identidade negra, relações raciais e racismo na escola); e a autora Bell Hooks, (raça e representatividade).

- **Cronograma:**

2019.1	Elaboração do ante-projeto; Participação no Congresso da ANDA (Associação Nacional de Pesquisadores em Dança) com publicação de artigo.
2019.2	Desenvolvimento da pesquisa- ação.
2020.1	Defesa – apresentação de memorial.

Turma do 2º ano A





APÊNDICE B- SLIDE TÓPICOS INTERDISCIPLINARES

TÓPICOS INTERDISCIPLINARES EM DANÇA E CONTEMPORANEIDADE

Universidade Federal da Bahia
Escola de Dança
Docentes: Prof. Dr. Antrifo Sanches / Profa.
Dra. Beth Rangel

Lorena Oliveira

Salvador
2019

- Este documento tem como objetivo relacionar em tópicos os temas abordados por cada convidada(o) com a minha pesquisa, que fala sobre o *Empoderamento Infante juvenil: Estéticas do corpo negro*; onde irei tratar questões etnicorraciais a partir da dança, numa abordagem afrocentrada, nas escolas da Rede Municipal de Educação de Salvador.
- Após a apresentação em tópicos, seguem em anexo os textos desenvolvidos a partir das minhas percepções acerca das(os) convidadas(os).

Ciane Fernandes

- Pesquisa da dança relacionada à prática;
- Escrita sobre dança com a própria dança;
- Escrita não tradicional/padronizada;
- Escrever/fazer dança sem perder a criatividade, a arte, a inspiração.

Lia Robatto

- Reflexão sobre a minha prática profissional: metodologia, didática, processo de ensino aprendizagem;
- Processo de criação coreográfica;
- Configurações da dança interligadas com as culturas: manutenção e recriação da memória ancestral.

Vanda Machado

- Questões etnicorraciais;
- Valorização da cultura africana e afrobrasileira nas escolas;
- Xirê, griô, canto;
- Referenciais imagéticos / contextualização
- Irê Ayó.

Eduardo Oliveira

- Negritude, racismo, estética, diáspora, afrocentricidade;
- Racismo/ juízos estéticos;
- Estética: todo o tipo de percepção e sensibilidade;
- Racismo: falta de educação estética;
- Pensamento ocidental: controle, falta de criatividade, cerceamento da liberdade;
- Deriva: negação do controle, criatividade, liberdade, estética, Exu.

Leonardo Sebiani

- Latinidade/ pertencimento;
- Racismo cultural: Brasil/ Costa Rica;
- Construção identitária;
- Corpo mestiço;
- Similaridades: ritmos, danças e desvalorização da mulher.

Terezinha Fróes/ Marize Sanches

- Multirreferencialidade;
- Espaços de aprendizagem;
- Escuta sensível;
- Conhecimento popular não validado pela Academia.

Mulheres na Dança: Câmara de vereadores de Salvador

- Valorização da mulher negra na Dança;
- Representatividade;
- Empoderamento;
- Reconhecimento;
- Sororidade;
- Demarcação de território;
- Visibilidade.

Manfred

- Nasce um “novo” Icba/Goethe Institut ?
- Para quem? Quando? Onde? Como acessar?
- Residências/ minorias/teoria/ prática...

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

CIANE FERNANDES

A vivência com Ciane Fernandes foi interessante, aproveitei a liberdade que ela nos deu para movimentar ou não o corpo, para desacelerar um pouco da correria do dia a dia. Gostei também das músicas, algumas me trouxeram lembranças do tempo da graduação, das músicas de Uakti que eram bastante utilizadas na época. Lembranças boas de fazer aula diariamente naquelas salas de aula do meu coração. Alonguei meu corpo, relaxei, descansei, quase dormi e acordei.

Acho que o tempo não foi muito bem aproveitado, foi muito longo e por vezes confuso e monótono. Acredito que se a prática tivesse sido um pouco mais curta, teríamos mais tempo para debater nossas questões articuladas à proposta de trabalho trazida pela professora convidada.

O trabalho de Ciane dialoga em partes com a minha pesquisa no que diz respeito à pesquisa da dança relacionada à prática, a essa escrita sobre dança com a própria dança. No meu caso, pretendo elaborar um documento, um material pedagógico para respaldar a atuação dos professores de dança da rede municipal de Salvador, no que diz respeito à crianças, negritude e empoderamento infante juvenil; mas estou trabalhando também com criação coreográfica inspirada nas estéticas negras e estou conseguindo resultados incríveis que estão me motivando a compartilhar esta prática, esse processo coreográfico também como produto final .

Acredito que por termos essa liberdade de escrita não tradicional/ padronizada, como produto final, não necessariamente sendo uma dissertação; a pesquisa de Ciane dialoga plenamente com o PRODAN e nos estimula a escrever/fazer dança, sem perder a criatividade, a arte, a inspiração....

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

LIA ROBATTO

Lia Robatto nos trouxe em sua aula questões já conhecidas apesar de relevantes tais como: Qual é a função da dança? Quais as características principais da dança? Quais competências a dança pode desenvolver? Como a dança configura-se no seu trabalho?

Questionamentos importantes que abarcam as mais diversas respostas, e que serviram para fazer-me refletir sobre a minha prática profissional, sobre as metodologias educacionais que eu utilizo, sobre a minha didática e todo o processo de ensino aprendizagem em dança, compartilhado em minhas aulas na escola na qual trabalho.

Todos esses questionamentos não possuem uma única resposta certa e fechada, servem para reflexões individuais sobre a dança no contexto onde cada pesquisador (a) está inserido (a).

Lia também nos trouxe um pouco sobre os fatores do movimento de Laban, nos fazendo experimentar alguns deles através da nossa própria criação (improvisação), e nos relatou seus processos de criação coreográfica com anotações e imagens significativas, fatores do movimento de Laban, vivência junto aos bailarinos de todo o processo coreográfico, extraído dos mesmos a movimentação, ao invés de chegar com sequências prontas.

Um ponto interessante da aula para mim foi quando Lia nos trouxe as configurações da dança interligadas com as culturas, e deu como exemplo a manutenção e recriação da memória ancestral, que abarca um universo de possibilidades de criação.

Foi uma aula que apesar de não me trazer novidades, serviu para reflexão e aprimoramento da minha prática profissional.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

VANDA MACHADO

“Ninguém vai te ensinar sua verdadeira história se ela te liberta”.

A aula com a convidada Vanda Machado foi maravilhosa! Ela trata as questões etnicorraciais com muita maestria e leveza. A aula dialogou em tudo com a minha pesquisa, pois Vanda é uma das pessoas que me inspiram no campo da educação, na tentativa de promover uma valorização da cultura africana e afrobrasileira nas escolas, fazendo com que as crianças negras conheçam e tenham orgulho de suas origens.

Uma das coisas mais interessantes para mim além da riqueza de conteúdo que ela nos trouxe foi a metodologia utilizada. Primeiro a pequena roda, como num xirê, onde concentramos e trocamos energia, depois a abordagem que ela utilizou, como uma griô contando histórias, cantando músicas e nos fazendo cantar também, de maneira agradável e interessante; além das imagens importantes mostradas e contextualizadas por ela, no slide.

Muito interessante também quando ela trás a informação de que “O Estado marginalizou os negros na forma da lei, nos idos de 1800...” fazendo alusão à impossibilidade dos negros naquela época serem proibidos de freqüentar as mesmas escolas que os brancos; quando era permitido era no noturno, e o turno noturno nem sempre funcionava, o que contribuiu para que os negros tivessem a sua educação postergada...

Outros dizeres que também chamaram a minha atenção: a questão da “branquitude nordestina”, a cirurgia cardíaca ter sido criada por um negro, as relações sobre mito e ciência que caminham juntos, e o “atualizar a ancestralidade”.

Vanda Machado criou o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, que funciona dentro do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. O projeto Irê Ayó é fantástico, voltado para o fortalecimento da história e cultura do povo negro, numa tentativa de valorizar o legado ancestral africano e afrobrasileiro. Tive a sorte de lecionar durante 3 anos nesta escola, e pude compartilhar de culminâncias excelentes, trabalhando com os valores propostos nos mitos africanos catalogados por Vanda.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

EDUARDO OLIVEIRA

Um bálsamo, uma riqueza de conteúdo e simpatia! Fiquei extremamente chocada e levei dias para digerir tudo o que o convidado compartilhou conosco. Reflexões simples, porém profundas sobre negritude, racismo, estética, diáspora....

O ponto de partida trazido por Eduardo: **“Filosofia africana como estética da libertação: EXU”**, já me chama atenção, já cruza com o meu objeto de pesquisa pois está relacionado à negritude, afrocentricidade e estética(um show à parte). Quando destaco estética como um show à parte é porque para mim realmente o foi, pois de maneira simples e direta, Eduardo nos mostrou que o racismo está fincado nos juízos estéticos, pois segundo ele “a estética é todo o tipo de percepção de sensibilidade”, e uma pessoa racista é uma pessoa que condena, que vê como menos humano porque não possui esta percepção do sensível, é uma pessoa **sem educação estética**.

Outra questão importante também foi sobre os conceitos de “controle” e “deriva”. O pensamento ocidental está sempre a serviço do controle e isto aprisiona, cerceia a liberdade.

“Quando você fica só no controle você perde a criatividade. Você só cria se ficar à deriva. A deriva é a negação do controle. Não existe nada que seja livre e não esteja à deriva. Deriva é a condição de existência. A estética está à deriva” (OLIVEIRA, Eduardo).

E isso se relaciona diretamente com o que ele trás no início que é Exu, a filosofia africana como estética da libertação, pois Exu é liberdade, está presente em tudo, tudo o que se move no mundo tem a participação de Exu, Exu está à deriva, pois Exu é livre, talvez o mais livre dentre todos os orixás do panteão africano.

Com muita propriedade e sutileza, Eduardo nos mostra que se por um lado a razão controla o conhecimento, os desejos, os corpos; a deriva te liberta e conduz para uma estética mais libertadora, mais redentora, com atitudes éticas que nos leva a um paradigma ético/ estético/ afrocentrado.

Para a minha pesquisa, a aula do convidado foi absurdamente valiosa, esclareceu e fortaleceu alguns conceitos, me apresentou coisas novas, abordagens e ligações que eu não havia pensado anteriormente e que somarão contribuindo muito para a minha pesquisa que está diretamente relacionada às estéticas negras, empoderamento infantil, negritude, educação e afrocentricidade.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

LEONARDO SEBIANI

A vivência com Sebiani foi bem interessante, agradável e leve. A livre movimentação com os olhos vendados, sem noção exata de espaço, ao som de músicas diversificadas, a maioria latina/ caribenha, foi extremamente divertida e me proporcionou uma sensação de bem estar, de prazer, de fluxo, de energia contagiante (principalmente no quesito música), de cores e de calor....

Importante também a questão trazida por Sebiani sobre latinidade, sobre quem é latino, se os brasileiros se consideram latinos ou não, visto que ele próprio já passou por situações de racismo aqui no Brasil, um racismo não pela cor da pele, mas pelas origens, um racismo cultural...

Sebiani nos trouxe também um leque de ritmos diferentes como o mento (ritmo jamaicano) e o callypso, e que apesar de diferentes dos nossos ritmos, são muito próximos no que diz respeito às danças, às festas (que lembram o nosso carnaval), e à (des)valorização da mulher em determinados ritmos e danças, nos remetendo a algumas músicas de baixo calão do pagode e do funk brasileiro, que desvalorizam a figura da mulher.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

TEREZINHA FRÓES / MARIZE SANCHES

As convidadas nos trouxeram informações a respeito da multirreferencialidade e questionamentos sobre a mesma em relação à aprendizagem. Aonde é que a gente aprende? Quais seriam os espaços multirreferenciais de aprendizagem na:

- sociedade da informação
- sociedade do conhecimento
- sociedade da aprendizagem.

“Nenhum lugar pode deixar de ser um lugar de aprendizagem.” (FRÓES, Terezinha).

“Se aprende em todos os espaços sociais na sociedade da aprendizagem.” (FRÓES, Terezinha).

As convidadas falaram também da importância de se estabelecer uma relação entre as comunidades e a universidade, dialogando e aprendendo, validando também o conhecimento das comunidades ao invés de reproduzir para as mesmas, o que é feito na universidade.

Falou-se também a respeito de como a mídia impõe padrões e valores para a sociedade, e de como isso é absorvido ou não pelas pessoas. Discordo das convidadas no que diz respeito a nós não podermos alterar/ modificar o que a mídia de certa forma “vomita” para nós, porque não temos o poder da grande mídia; somos livres para escolher o que queremos ter, vestir, comprar, assistir, consumir, enfim; podemos escolher o que **nos representa** e descartar o que é lixo, o que não tem significância pessoal, o que não é relevante para nós, e podemos discutir sobre isso em casa, na rua, no trabalho, descolonizando as nossas mentes e ajudando outras pessoas a se descolonizarem também.....

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

MULHERES NA DANÇA: CÂMARA DE VEREADORES DE SALVADOR

Um evento maravilhoso, de suma importância para as mulheres artistas da dança, especialmente as mulheres negras!!! Uma justa homenagem a nós mulheres negras que fazemos a arte da dança com muita luta, garra, força e coragem, nesta Salvador, que é a cidade mais negra do Brasil, mas que na prática o racismo ainda impera. Para citar alguns exemplos, a companhia de dança oficial do estado da Bahia, o Balé do Teatro Castro Alves, possuía até pouco tempo apenas duas bailarinas negras, sendo que apenas uma é bailarina efetiva; e na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), apenas duas professoras são negras.

Ou seja, a luta por direitos iguais entre mulheres negras e brancas ainda é muito grande, há muito para ser conquistado, muitas barreiras a serem rompidas e muito preconceito a ser superado; e esse evento na Câmara serviu bastante não só como homenagem, mas também como demarcação de território, visibilidade, representatividade, reconhecimento e valorização das artistas negras na dança, sororidade e empoderamento feminino.

#MULHERES

#NEGRAS

#MULHERESNEGRASNADANÇA

#VISIBILIDADEIMPORTA

#RESPEITAASPRETAS

#RACISTASNÃOPASSARÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA**

Componente Curricular: **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**

Semestre: **2019.2**

Docentes: **Antrifo Sanches e Beth Rangel**

Discente: **Lorena Oliveira**

MANFRED

Surpresa é o que me define ao falar sobre Manfred. Não o conhecia pessoalmente, e quando entrei na sala, um pouco atrasada e apressada me perguntei: - Quem é esse homem falando embolado, gente?

Sentei-me e com calma comecei a ouvi-lo e entendi tratar-se de Manfred, diretor do Goethe Institut, e lembrei que ele estava no rol de convidados para falar sobre a sua instituição.

No decorrer da sua apresentação fiquei muito surpresa, pois ele nos mostrou uma instituição até então desconhecida para a maioria que estava ali presente, um NOVO Goethe, um lugar que sempre me pareceu frio, inacessível e de pouco diálogo com os soteropolitanos, se desnudava diante de nós como um local alternativo, com propostas contemporâneas que contemplavam as minorias invisibilizadas...

Fico feliz em saber que o Goethe parece estar de “cara nova”, e procurarei acompanhar de perto essas propostas que teoricamente são interessantes e inovadoras, e que na prática, espero que sejam também acessíveis a todas(os), com ampla divulgação e uma maior visibilidade para a sociedade em geral, e não apenas há um seleto grupo de artistas.

ANEXOS

CERTIFICADO DO VI CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA DA ANDA - EDIÇÃO VIRTUAL 2020



CERTIFICADOS DO CONGRESSO PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO 2019 DA UFBA

N. DE CERTIFICAÇÃO: 27YIG690J740A1ZV



N. DE CERTIFICAÇÃO: B0M6H52FS5RJ82U4





Guia Afrocentrado de
Arte- Educação

Secretaria da Educação



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR
SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO- SMED**

LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA

Guia Afrocentrado de Arte-Educação

Salvador

2020

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	BANCO DE DADOS DE IMAGENS.....	2
3	LITERATURA INFANTOJUVENIL	10
4	DOCUMENTÁRIO PERSONALIDADES NEGRAS	12
5	CALENDÁRIO AFROCENTRADO	14
6	<i>ERÉ EKO</i> (JOGOS EDUCATIVOS).....	24
6.1	Ere Iranti	24
6.2	Ere Domino.....	29
7	CRIAÇÃO COREOGRÁFICA: “CABELEIRA”	32
8	DEFILE DA BELEZA NEGRA.....	37
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A.....	51
	APÊNDICE B- ATIVIDADES REMOTAS	54

1 INTRODUÇÃO

Este documento, o qual chamo de **Guia Afrocentrado de Arte-Educação**, é um dos produtos finais da minha pesquisa no Mestrado Profissional do Programa de Pós- Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA); e tem como objetivo auxiliar as/os professoras/es) arte educadoras/es da Rede Municipal de Educação de Salvador, a desenvolverem nas suas práticas docentes, atividades que visibilizem as questões étnico-raciais relacionadas à história e cultura africana e afro-brasileira, de forma lúdica, consciente e representativa; executando efetivamente o que é estabelecido na lei 10.639/03.

Além disso, essas ações que eu desenvolvi ao longo do ano de 2019 até os dias atuais, objetivam contribuir para o fortalecimento da autoestima das crianças e adolescentes negras/os da escola no processo de constituição de suas identidades étnico-raciais; e entendimento, respeito e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira.

A Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura africana e afro-brasileira” dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Apesar disso, a sua efetiva prática no âmbito escolar ainda é insuficiente, necessitando de práticas pedagógicas relevantes e que envolvam toda a comunidade escolar.

O público que atuo como professora de Dança na Escola Municipal Comunitária da Histarte, é formado por crianças de 8 a 12 anos de idade, dos anos iniciais do Ensino Fundamental (3° ao 5° ano) no turno matutino. No turno vespertino exerço a função de vice-diretora da escola que atende e acolhe as/os adolescentes dos anos finais do Ensino Fundamental (6° ao 9° ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Essas ações que serão descritas a seguir, foram desenvolvidas no turno matutino da escola com as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. No turno vespertino, apesar de não estar diretamente em sala de aula, propus algumas ações como rodas de conversa e palestras, mas senti a necessidade de formatar as minhas idéias em um material didático, que possa servir de consulta para as/os professoras/es que assim desejarem, para que tenham

acesso ao material proposto, utilizem as atividades sugeridas e/ou as recriem de acordo com a sua realidade na Unidade de Ensino de atuação. Boa leitura!!!

2 BANCO DE DADOS DE IMAGENS

Apresentei à todas/os as/os alunas/os dos anos iniciais do ensino fundamental, um banco de dados com imagens de bailarinos e bailarinas negras nas mais diversas linguagens artísticas de dança, com o intuito de analisar em conjunto estas imagens de corpos negros, em uma perspectiva afro-referenciada na dança, independente do estilo ou técnica representada. Deste modo, ao construir um panorama afro-referenciado de dança, podemos vislumbrar os protagonismos desses sujeitos em fazeres múltiplos, ou seja, em uma abordagem plural e sem restrições aos seus corpos.

Quando escolhi as imagens, imaginei que as mesmas teriam um apelo estético afro- referenciado nas crianças e adolescentes, e que auxiliariam a demonstrar as diversas formas da presença dos corpos negros na dança.

Procurei trazer além das diversas categorias de dança, os diferentes gêneros, na tentativa de desconstruir o machismo relacionado à orientação sexual dos homens que dançam. Nesse sentido, procurei rever determinados estereótipos sobre as práticas sociais e artísticas e suas supostas adequações aos sexos.

As imagens foram encontradas com facilidade na internet, em sites diversos, porém foi praticamente impossível achar os nomes das/os fotógrafas/os para dar os devidos créditos às/aos mesmas/os. Dentre as imagens escolhidas, quero ressaltar a presença de referências soteropolitanas de extrema relevância para o campo da dança em Salvador, no Brasil e no mundo, como o saudoso Mestre King e o Balé Folclórico da Bahia.

Dica: A professora ou professor de arte – educação poderá criar um banco de dados de imagens de acordo com a arte que leciona, ou seja; o banco de dados pode conter músicos e musicistas negras/os, artistas plásticos negros e negras ou atores e atrizes negras/os.



Figura 1 - Fonte: www.mundobailarinistico.com.br

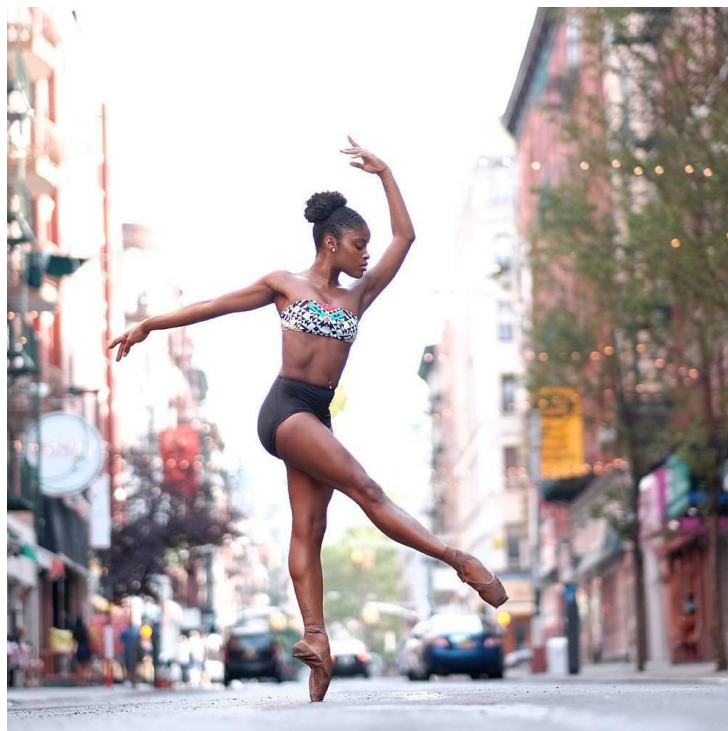


Figura 2 - Fonte www.mundobailarinistico.com.br



Figura 3 - Fonte: jennasjamz.com



Figura 4 - Fonte npr.org



Figura 5 - Fonte todosnegrosdomundo.com.br

brown girl, your skin is gold.



Figura 6 - Fonte: pinterest.com



Figura 7 - Fonte diariodamanhapelotas.com.br



Figura 8 - Fonte: Wikidanca.net



Figura 9 - Fonte: correio24horas.com.br



Figura 10 - Fonte: jornaldesabado.net



Figura 11 - Fonte: www.mundobailarinistico.com.br



Figura 12 - Fonte: alvinailey.org



Figura 13 - Fonte: oitotemposblog.wordpress.com



Figura 14 - Fonte: agenciapatriciagalvao.org.br

3 LITERATURA INFANTOJUVENIL

Assistimos juntos no *datashow* que temos na sala de dança, o pdf do livro infantojuvenil “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém. Nele, a autora fala de maneira lúdica sobre a valorização do cabelo crespo. O cabelo é um grande ponto de partida para se falar de negritude nas escolas, é sempre um assunto muito polêmico e rende muitos debates.

Do 2º ao 5º ano, nos dias de aula de cada turma, após projetar as imagens e realizar a leitura do pdf, fazíamos uma roda de conversa e a polêmica estava instaurada. Muitas crianças alegres, empolgadas com o que viram, tecendo comentários inclusive na mesma hora que as imagens do livro eram mostradas, gostando ou criticando os diversos tipos de cabelo crespo que apareciam nas ilustrações, se identificando com alguns, apontando tantos outros como parecidos com os seus ou de seus colegas, reconhecendo os penteados afros, não gostando de alguns outros tipos mais crespos, enfim, teve de tudo!

Discutimos bastante, e eu ressalttei que todos os tipos de cabelo são bonitos, são legais, são do jeito que são e que tem uma história por trás de cada um deles que vem da nossa ancestralidade, dos nossos antepassados.

A partir desta discussão, muitas crianças, a maioria meninas, pois os meninos das minhas turmas todos tem os cabelos curtos, me relataram que se sentiram mais orgulhosas dos seus cabelos crespos ou cacheados depois que assistiram o livro digital. Algumas meninas maiores do 4º e 5º anos aos poucos pararam de pranchar os cabelos, e algumas outras do 3º ano apareceram de tranças de fibra nas semanas seguintes!!!

A maioria dos meninos achou os penteados afros e os cabelos crespos mostrados no livro bonitos, mas alguns relataram que acham o cabelo liso melhor, mais bonito, e que gostariam que os seus próprios cabelos fossem lisos também. Um outro aluno negro, do 5º ano, disse que os cabelos crespos são bonitos, mas que o dele não era crespo, e sim cacheado.

Apesar da dificuldade de aceitação das características físicas inerentes à pessoas negras, já houve um grande avanço tanto no alunado como em toda a comunidade escolar, desde o início da implementação das ações executadas, até os dias atuais. Na turma mais nova, que é a turma do 2º ano, com

alunas/os de 8 a 10 anos, o encantamento foi muito grande com o livro, mas algumas meninas relataram que gostariam de soltar os seus cabelos mas que as mães não as deixavam, mantendo-as sempre de tranças, rabos de cavalo, coques e às vezes pranchavam porque dava muito trabalho mantê-los soltos ou naturais.

Vale ressaltar que essas turmas de estudantes do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, são formadas em sua grande maioria por alunas/os negras/os, estimo aproximadamente 96% do total de alunas/os.

Fiquei extremamente satisfeita com os resultados obtidos na aplicação desta atividade com as crianças, pois vi o despertar de um senso de estética negra que talvez estivesse adormecido ou simplesmente fosse desconhecido para a maioria das crianças negras e as poucas não negras. Apesar disso, ainda se faz necessário um intenso trabalho para a mudança de paradigmas sobre a reprodução dos juízos racistas introjetados a respeito dos cabelos e características fenotípicas das pessoas negras, entre as/os estudantes e a comunidade escolar; mas a discussão apoiada pelo material didático se mostrou bastante eficaz no avanço dos primeiros passos em direção à superação desses estigmas.

Esta atividade funcionou de maneira efetiva, e eu pretendo repeti-la nos próximos períodos letivos utilizando também outros livros que falem sobre esta mesma temática de negritude como por exemplo o HQ de Celso Zonatto “Toinzinho apresenta Zumbi e o dia da consciência negra”; o livro de Bell Hooks “Meu crespo é de rainha”; “O menino Nito”, de Sonia Rosa; “Tóim, cadê você?” de Tamires Lima, “Tudo bem ser diferente” de Todd Parr e Pequeno Príncipe Preto de Rodrigo França.

Essa pesquisa bibliográfica infantojuvenil é de extrema importância para que nós docentes possamos propor atividades que debatam o corpo como local de afirmação e melhoria da autoestima das crianças negras.

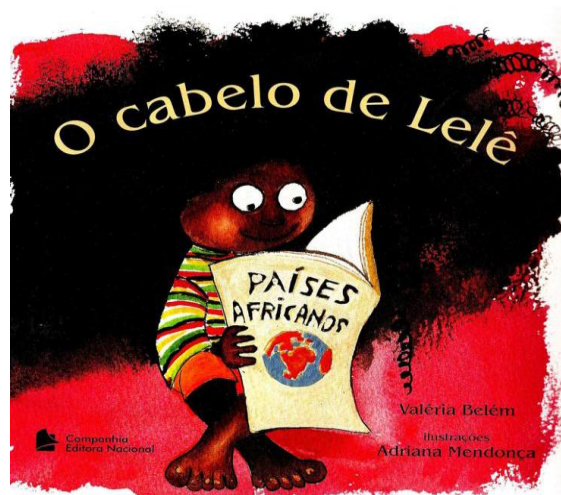


Figura 15 – Capa do livro *O cabelo de Lele*, de Valéria Belém

Dica: O/a professor/a poderá utilizar a literatura negra infantojuvenil através de contação de história, encenação e/ou utilização de fantoches.

4 DOCUMENTÁRIO PERSONALIDADES NEGRAS

Outra ação que trabalhei com as/os estudantes foi a exibição do documentário Personalidades NEGRAS, de Silvia Cristina. É um documentário sobre personalidades negras brasileiras como artistas, atletas, jornalistas, médicos, advogados, heróis e heroínas das lutas do povo negro brasileiro, modelos, mães de santo e etc, com o objetivo de que os/as alunos/as negros/as se sentissem representados/as, orgulhosos/as de sua cor, de sua descendência, e valorizassem a sua cultura negra, e que os/as poucos/as alunos/as não negros/as também conhecessem e valorizassem a negritude e a história do povo afro-brasileiro.

Foi uma ação importante que despertou indagações em algumas crianças no sentido de admirar algumas dessas personalidades e de se imaginar um dia naquela posição social, como uma atriz ou cantora negra famosa, como um jogador famoso de futebol ou como uma jornalista negra em destaque na mídia.

Apesar de relevante, pois esta ação fala diretamente sobre representatividade negra, eu penso em reelaborá-la para além da representatividade que já lhe é intrínseca, **mas no sentido de indagar qual o**

papel/posicionamento político que aquela personalidade negra admirada por aquela ou aquelas crianças tem, no que diz respeito à valorização da negritude.

Vale lembrar que a escolha das personalidades por parte das (os) estudantes foi livre. Em uma determinada aula, mostrei o vídeo abaixo para as/os alunas/os e propus que escolhessem dentre as personalidades apresentadas (atores, atrizes, jornalistas, jogadores de futebol, heróis e heroínas negras, advogadas/os, médicas/os, mães de santo, modelos, cantoras/es, e etc), qual a que elas e eles mais se identificavam e/ou admiravam. Essa ação se deu também com todas as turmas do ensino fundamental, do 2º ao 5º anos.

Dica: Há uma gama muito grande de documentários no YouTube que abordam personalidades negras brasileiras que fazem ou fizeram a diferença no combate ao racismo na história do Brasil, desde os heróis e heroínas que foram escravizados/as como Zumbi dos Palmares e Dandara; até os/as militantes brasileiros/as da atualidade como Lázaro Ramos e Djamila Ribeiro.



Figura 16 - Personalidades históricas negras. Fonte <https://www.youtube.com/watch?v=tOTRm4OAJhE&t=461s>

2º ANO A



Figura 17 - Alunos do 2º ano A da Escola Municipal da Histarte. Foto: Lorena Oliveira

5 CALENDÁRIO AFROCENTRADO

A partir da exibição deste documentário e de tantos outros estímulos das minhas leituras e sugestões de colegas e interlocutores, resolvi construir coletivamente com a turma do 2º ano, um calendário afrocentrado. Nesse calendário não estão todos os meses do ano como nos calendários comuns, mas aparecem apenas os meses das/os aniversariantes, com as suas imagens vinculadas à uma personalidade negra brasileira que elas e eles admirem.

Esse calendário foi exposto na escola na culminância da semana da consciência negra, no mês de novembro, e posteriormente serviu de base para a confecção de um jogo de dominó, para que os/as estudantes brincassem e se divertissem com as suas próprias imagens. Essa foi uma excelente ferramenta pedagógica que eu comecei a explorar na minha prática em sala de aula.

Dica: O/a professor/a arte-educador/a pode criar outros produtos como por exemplo um livro ou revista em quadrinhos, abordando as histórias de uma ou mais personalidades negras estudadas.

CONSTRUÇÃO DO CALENDÁRIO AFROCENTRADO: 2º ANO A



Figura 18 - Alunos do 2º ano A da Histarte. Foto: Cláudia Vila Nova



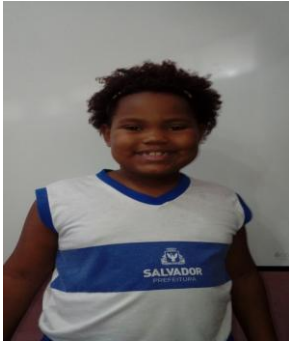
Figura 19 - Alunos do 2º ano A da Histarte. Foto: Cláudia Vila Nova



Figura 20 - Alunos do 2º ano A da Histarte. Foto: Cláudia Vila Nova



Figura 21 - Alunos do 2º ano A da Histarte. Foto: Cláudia Vila Nova



EU SOU: ALEXIA



**EU ADMIRO:
LUDMILLA**



EU SOU: RICARDO



**EU ADMIRO:
MICHAEL JACSON**

JANEIRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
			1	2	3	4 ALEXIA
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28 RICARDO	29	30	31	

Figura 22 – Alunas/os do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira



EU SOU: GEISEANE



EU ADMIRO: IZA



EU SOU: SINDELLY



**EU ADMIRO:
LUDMILLA**

FEVEREIRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3 GEISEANE	4	5	6	7 SINDELLY	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29

Figura 23 – Alunas do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira



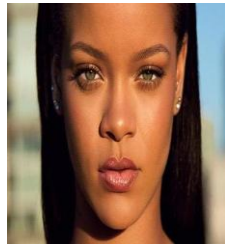
**EU SOU:
LOURRANA**



**EU ADMIRO:
TAÍS ARAÚJO**



**EU SOU:
JOICE**



EU ADMIRO: RIHANNA



**EU SOU:
KATHLEEN**



**EU ADMIRO: CAMILA
PITANGA**

MAIO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3 LOURRANA	4	5	6	7 JOICE	8 KATHLEEN	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Figura 24 – Alunas do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira



EU SOU: ELIZABETH



**EU ADMIRO:
TAÍS ARAÚJO**



EU SOU: MARIA CLARA



**EU ADMIRO:
LUDMILLA**

AGOSTO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27 ELIZABETH MARIA CLARA	28	29
30	31					

Figura 25 – Alunas do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira



EU SOU: SÉRGIO



EU ADMIRO: NEYMAR



EU SOU: EVELIN



EU ADMIRO: MARIA JÚLIA COUTINHO



EU SOU: EVERTON



EU ADMIRO: NEYMAR

OUTUBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23 SÉRGIO	24
25	26 EVELIN EVERTON	27	28	29	30	31

Figura 26 – Alunas/os do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira



EU SOU: LUAN



**EU ADMIRO:
NEYMAR**

NOVEMBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23 LUAN	24	25	26	27	28
29	30					

Figura 27 – Aluno do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira



EU SOU: INÁCIO



EU ADMIRO: NEYMAR

DEZEMBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3 INÁCIO	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Figura 28 – Aluno do 2º ano A da Histarte. Foto: Lorena Oliveira

6 ERÉ EKO (JOGOS EDUCATIVOS)

Outra ação desenvolvida por mim na escola foi a construção de um combo de jogos afro - educativos, que batizei de **Eré Eko**, numa livre tradução para jogos educativos em *yorubá*. Neste kit de jogos constam o **Ere Iranti** ou jogo da memória, com personalidades negras baianas; e o **Ere Domino** ou jogo de dominó, com personalidades negras brasileiras e estrangeiras.

6.1 Ere Iranti

Para o *Ere Iranti* fiz um apanhado de figuras importantes da nossa cultura, atuantes na nossa sociedade baiana, apresentei em *slide* para as alunas e alunos do 3º e 4º anos, imprimi as imagens e coletivamente recortamos e colamos em pedaços de papelão as personalidades escolhidas e assim construímos o nosso jogo.

A maioria das personalidades negras baianas apresentadas já eram conhecidas pelas/os alunas/os, principalmente as/os artistas do campo da música e a jornalista baiana Rita Batista.

As outras personalidades como as/os artistas da dança e/ou da capoeira como Mestre King, Mestre Moa do Katendê, Nadir Nóbrega, a antropóloga Vilma Reis, a *yalorixá* Mãe Stela de Oxóssi e a cozinheira Dadá, eram desconhecidos/as pela grande maioria das/os estudantes, o que mostra a importância dessa proposta no sentido de ampliação dos referenciais de representatividade em vários campos do saber, além do que, este exercício dá abertura para questões outras como o racismo religioso. Sendo uma parte das/os alunas/os evangélicas/os, trazer uma figura de uma mãe de santo por exemplo, foi motivo de debate sobre a intolerância religiosa e o racismo vividos pelas pessoas de religião de matriz africana.

Sobre esse assunto, a pesquisadora Stela Caputo (2012), atenta para o fato da discriminação contra as religiões de matrizes africanas como o candomblé e a umbanda, serem recorrentes no ambiente escolar. A autora traz à tona também o fato de que a figura de Jesus Cristo ter livre acesso nas escolas por meio de livros didáticos, ao contrário do *orixá Èsú*, (divindade pertencente à cosmologia africana) que sequer é mencionado, e quando o é,

sofre todo o tipo de distorções e preconceitos, sendo erroneamente associado ao mal, ao negativo e ao diabo cristão.

A autora atribui isso ao racismo religioso no qual as religiões de matrizes africanas e seus adeptxs são o alvo principal. Ela elucida que isso é visível na oferta do ensino religioso no Brasil, que desde a Constituição de 1988 silencia culturas e religiões outras, em detrimento de uma cultura hegemônica e conservadora que impõe o catolicismo como universal com o Jesus Cristo loiro de olhos azuis como emblema principal.

PERSONALIDADES NEGRAS DO ERE IRANTI



Figura 29 - Mãe Stella de Oxóssi, Rita Batista, Margareth Menezes, Lazzo Matumbi, Dadá e Nadir Nóbrega



Figura 30 - Carlinhos Brown, Lázaro Ramos, Gilberto Gil, Mestre King, Mestre Môa do Katendê e Vilma Reis

CONSTRUÇÃO DO ERE IRANTI 4º ANO A



Figura 31 - Alunos/as do 4º ano A da Escola Histarte. Foto: Lorena Oliveira



Figura 32 - Alunos do 4º ano A da Escola Histarte. Foto: Lorena Oliveira

ERE IRANTI



Figura 33 - Jogo construído e usado pelos/as alunos/as



Figura 34 - Alunas/os do 4º ano A da Escola Histarte. Foto: Lorena Oliveira



Figura 35 - Alunos/as do 4º ano A da Escola Histarte. Foto: Lorena Oliveira



Figura 36 - Alunos do 4º ano A da Escola Histarte. Foto: Lorena Oliveira



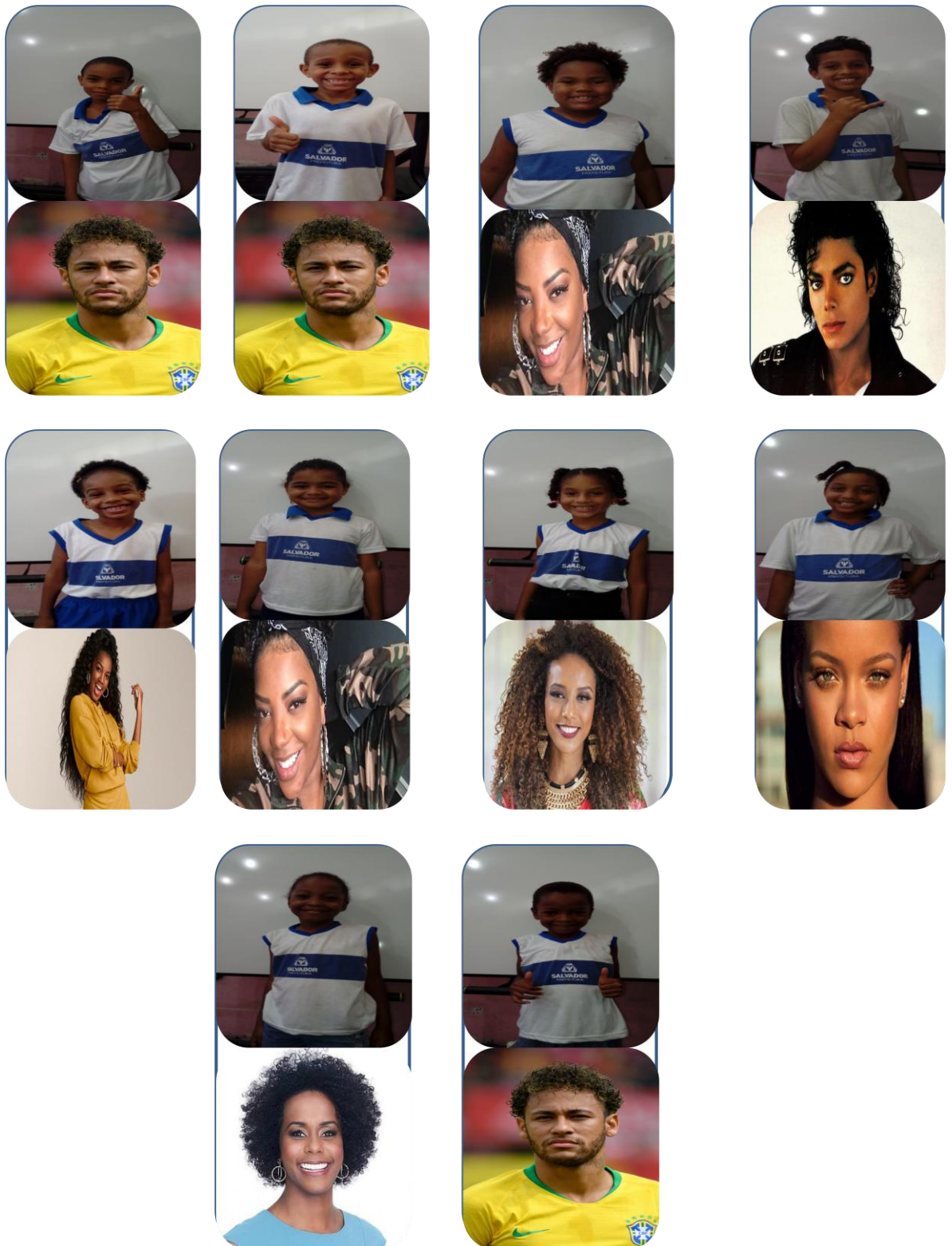
Figura 37 - Alunas do 4º ano A da Escola Histarte. Foto: Lorena Oliveira

6.2 *Ere Domino*

Para a construção do *Ere Domino*, escolhi personalidades negras brasileiras e estrangeiras com atuações relevantes em relação a tudo o que diz respeito à história e cultura do povo negro.

Ere Domino não chegou a ser construído e executado por conta da pandemia do Novo Corona Vírus. Este jogo também será confeccionado posteriormente em formato de pedras de dominó, mas haverá uma versão impressa de ambos os jogos, que será encaminhada às famílias dos/as estudantes da escola onde trabalho, para que o *combo* educativo *Eré Eko* seja construído em casa com os materiais que os/as alunos/as tiverem disponíveis.

ERE DOMINO (PRIMEIRA VERSÃO)



*Figura 38 - Foto das/os estudantes: Lorena Oliveira
Foto das personalidades: Sites diversos*

ERE DOMINO (VERSÃO FINAL)



Figura 39 - Negra Jô, Marielle Franco, Michelle Obama, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Beyoncé, Karol Conka, Maíra Azevedo (Tia Má), Vanessa da Mata, Negra Li, Barack Obama, Heraldo Pereira, Bob Marley, Nelson Mandela, Jaime

Sodré, Emicida, Milton Santos, Jorge Portugal, Chico César e Érico Brás. (Sites diversos)

Link do *Eré Eko* no youtube: <https://youtu.be/Bg2EQtiwcwU>

Dica: Existem inúmeras possibilidades de criação ou recriação de jogos educativos a serem utilizados em sala de aula. No meu caso, recriei um dominó e um jogo da memória, mas o/a docente pode recriar outros jogos como um baralho ou um quebra – cabeça. É interessante ouvir as crianças para saber quais tipos de jogos mais lhes interessam e eventualmente reavaliar e atualizar as personalidades escolhidas.

7 CRIAÇÃO COREOGRÁFICA: “CABELEIRA”

Outra ação que desenvolvi com as alunas e alunos do 5º ano foi a criação coreográfica “Cabeleira” com a música “Cabelo”, composição de Arnaldo Antunes e Jorge Benjor, eternizada na voz de Gal Costa. Porém, para a coreografia escolhi uma versão mais atual nas vozes das cantoras Negra Li e Paula Lima. A criação coreográfica durou em torno de dois meses e foi muito bem aceita pelas/os alunas/os que se sentiram incríveis balançando as suas madeixas à vontade na coreografia, em mais uma tentativa de auxiliar na promoção do empoderamento infantojuvenil a partir da valorização das estéticas negras, neste caso, o cabelo crespo. A coreografia foi apresentada na Culminância da Semana da Consciência Negra, em novembro de 2019, no refeitório/auditório da escola.

Esse processo coreográfico com a turma do 5º ano se dava às terças-feiras pela manhã, em duas aulas geminadas de 50 minutos cada. Inicialmente fazíamos um aquecimento corporal, em seguida dinâmicas criativas em pequenos grupos e logo após começávamos a criação coreográfica. A maioria da turma foi muito receptiva, mas grande parte dos meninos e uma ou duas meninas não quiseram participar. Em se tratando de escola, já era de se esperar essa não aceitação inicial dos meninos por conta do machismo que os cercam dentro da nossa sociedade, na qual expressar-se criativamente através

da dança é comumente atribuído ao feminino, e vedado à masculinidade. A coreografia foi em sua grande parte criada por mim, mas dei espaço para sugestões das/os dançarinas/os também, e aproveitei a criatividade de cada um, na medida do possível. As/os alunas/os se identificaram muito com a música, a dança, e principalmente o tema (cabelo), pois é um dos grandes tabus na escola a aceitação do cabelo crespo. Com o decorrer dos ensaios, outros quatro meninos da turma foram se identificando com o trabalho e pediram para participar da coreografia. A culminância foi num sábado de reposição de paralisação, na semana da consciência negra no mês de novembro, e foi um grande sucesso, apesar de algumas ausências já esperadas para um dia de sábado.

5° ANO A- ENSAIOS



Figura 40 - Ensaio da coreografia Cabeleira. Foto: Lorena Oliveira



Figura 41 - Ensaio da coreografia Cabeleira. Foto: Lorena Oliveira



Figura 42 - Ensaio da coreografia Cabeleira. Foto: Lorena Oliveira



Figura 43 - Ensaio da coreografia Cabeleira. Foto: Lorena Oliveira

CULMINÂNCIA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: 5° ANO A



Figura 44 - Apresentação da coreografia Cabeleira durante a Semana da Consciência Negra em novembro. Foto: Fernando Ferraz



Figura 45 - Apresentação da coreografia Cabeleira durante a Semana da Consciência Negra em novembro. Foto: Fernando Ferraz



Figura 46 - Apresentação da coreografia Cabeleira durante a Semana da Consciência Negra em novembro. Foto: Fernando Ferraz



Figura 47 - Apresentação da coreografia Cabeleira durante a Semana da Consciência Negra em novembro. Foto: Fernando Ferraz

8 DESFILE DA BELEZA NEGRA

Além da apresentação da coreografia, promovi também um desfile da Beleza Negra, com os/as alunos/as do 3° e 4° anos. Esta ação é mais uma proposta para reafirmar as estéticas do corpo negro, valorizando as características físicas como a cor da pele, o cabelo crespo, os lábios carnudos e os narizes arredondados, que são com frequência alvos de piadas racistas cometidas por pessoas sem educação estética para apreciar, reconhecer e valorizar outro tipo de beleza que não seja a eurocêntrica.

Tivemos também uma oficina de turbantes protagonizada por uma aluna do 3° ano; e que foi muito bem aceita pelas crianças e adolescentes que se interessaram por aqueles tecidos coloridos transformando as suas cabeças, valorizando as suas diversas belezas.

DESFILE DA BELEZA NEGRA 3º E 4º ANOS



Figura 48 - Desfile da Beleza Negra com a participação dos/as /as do 3º e 4º anos. Foto: Andréa Bispo



Figura 49 - Desfile da Beleza Negra com a participação das/os alunas/os do 3º e 4º anos. Foto: Andréa Bispo

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este documento foi pensado e elaborado para auxiliar as/os minhas/meus colegas arte-educadoras/es da rede Municipal de Ensino de Salvador, na abordagem das questões étnico-raciais em sala de aula, mas não é uma cartilha a ser reproduzida independente do contexto.

O docente que ler este documento pode utilizar as experiências aqui descritas e/ou modificá-las e adaptar à realidade da sua escola. Deve-se levar em consideração também a faixa etária das/os estudantes para o desenvolvimento desta ou daquela ação.

Há também que se levar em consideração a área artística de cada docente. Por exemplo, no meu caso que sou professora de dança, criei uma coreografia baseada no livro “O cabelo de Lelê” de Valéria Belém, mas no decorrer do processo coreográfico, a música “Cabelo” (de Arnaldo Antunes e Jorge Ben Jor, nas vozes de Negra Li e Paula Lima), que foi escolhida para a coreografia, também me serviu de inspiração.

A coreografia em sua maior parte foi minha, mas as/os alunas/os tem co-autoria, pois sugeriram alguns movimentos durante a montagem.

No caso do docente ser por exemplo um profissional de teatro, o produto final a partir da leitura do livro poderá ser uma peça.

Se for de música, poderá ser um coral, com uma música criada baseada no livro. E se a professora ou professor for de artes visuais, poderá fazer uma exposição com as pinturas feitas pelas/os estudantes a partir do entendimento delas/es sobre a obra lida.

O importante é, de maneira lúdica e criativa, dentro de cada realidade escolar, abordar as relações étnico-raciais em uma tentativa de favorecer à conscientização e valorização da negritude e todos os seus desdobramentos, para a promoção de uma educação verdadeiramente antirracista e cidadã.

REFERÊNCIAS

Neste espaço, indico uma lista que não pretende esgotar o tratamento sobre o tema visto a quantidade de abordagens e autoras/es, mas sim, contribuir como material de consulta para as/os profissionais da educação que queiram trabalhar com a temática étnico-racial nas escolas. As referências foram divididas em seis categorias: **literatura negra infantojuvenil** (sugerida para trabalho das/os docentes com as/os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental), **literatura negra adulta** (que favoreceu o caminho da pesquisa e o aprofundamento do debate sobre as questões étnico-raciais), **artigos acadêmicos, teses de doutorado, dissertações de mestrado** (essas três categorias com grandes contribuições na abordagem das relações étnico-raciais), e **textos da internet** (*sites* relacionados com a temática negra). Essas indicações foram essenciais no caminho trilhado nessa pesquisa e contribuíram para ampliar os meus horizontes enquanto arte-educadora e pesquisadora.

LITERATURA NEGRA INFANTOJUVENIL:

AGUSTONI, Prisca. **O mundo começa na cabeça**. Ilustrações: Tati Mões. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

ALBUQUERQUE, Wlamyra e FRAGA, Water. **O que há de África em nós**. Ilustrações: Pablo Mayer. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2013.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustrações: Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRITO, Daniela de. **Lápis cor de pele**. Ilustrações: Polly Duarte. 1 ed.

CHERRY, Matthew A. **Amor de cabelo**. Ilustrações: Vashti Harrison. Tradução: Nina Rizzi. 1 ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

COSTA, Madu. **Koumba e o tambor diambê**. Ilustrações: Rubem Filho. 2 ed. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

COSTA, Madu. **Meninas negras**. Ilustrações: Rubem Filho. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações: Aldo Fabrini. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações: Juliana Barbosa Pereira. 1. ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações: Chris Raschka. Tradução: Nina Rizzi. 1 ed. São Paulo: Boitatá, 2018.

LIMA, Tamires. **Tóim, cadê você?** Ilustração: Tamires Lima. Salvador: Secretaria da Educação, Secretaria de Cultura, 2014.

NYONG'O, Lupita. **Sulwe**. Ilustrações: Vashti Harrison. Tradução: Rane Souza. 1 ed. São Paulo: Rocco Pequenos Leitores, 2019.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Black Power de Akin**. Ilustrações: Rodrigo Andrade. São Paulo: Editora de Cultura, 2020.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black Power de Tayó**. Ilustrações: Taisa Borges. 1 ed. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

PARR, Todd. **Tudo bem ser diferente**. Ilustração: Todd Parr. Tradução: Marcelo Bueno. São Paulo: Panda Books, 2002.

RAMOS, Lázaro. **Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser**. Ilustrações: Ana Maria Sena. 1 ed. São Paulo: Carochinha, 2019.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Ilustrações: Rubem Filho. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

ROSA, Sonia. **O menino Nito**. Ilustrações: Victor Tavares. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2002.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Ilustrações: Hyvanildo Leite. 1 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

ZONATTO, Celso. **Toinzinho apresenta Zumbi e o dia da consciência negra**. Desenhos e projeto gráfico: Celso Zonatto. Studio Luce & Magia. São Paulo: LAKE, 2001.

LITERATURA PARA PROFESSORAS (ES):

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução: Denise Bottmann.- 1.ed . São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

ARAÚJO, Denise Bastos de, CRUZ, Izaura Santiago da, DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade nas escolas**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2018.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: junho, 2007.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem**. Tradução: José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia Lda, 1990.

CARREIRA, Denise e SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Guia metodológico – educação e relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar**. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 6 ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. 1 ed- Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

COSTA, Joaze Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado, GROSGOUEL, Ramón (organizadores). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

COSTA, Marco Antônio F. da, COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3.ed rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Tradução: Jess Oliveira. 1 ed - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2 edição revisada/ Kabengele Munanga (organizador). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488 páginas. 1º edição.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores- contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03**. Fortaleza: Ed UECE,2015.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. - 1 ed- Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica**. 1 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições 2011.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. 1 ed. São Paulo: Pólen, 2019.

SANTOS, Nadia Farias do. **Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações étnico-raciais no cotidiano escolar**. 1 ed. Curitiba: Appris Editora, 2018.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e, BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. **O pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro.** São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1997.

ARTIGOS:

BARROS, Zelinda dos Santos. Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras nas escolas: rumo ao desvinculamento epistêmico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as)** - ABPN , v. 7, p. 69-91, 2015.

BOTTON, Andressa, STREY, Marlene Neves. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v.11, n.2, p. 54-66, jan./jun. 2018.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. Artes Cênicas negras no Brasil: Das memórias aos desafios na formação acadêmica. **Repertório**, Salvador, ano 20, n. 29, p. 68-85, 2017.2.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. Danças negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes. **Revista Eixo**, ISSN 2238-5630. Brasília-DF, v.6, n.2 (Especial), novembro de 2017.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. Identidades negras na dança: epistemes e anunciações. **Cadernos do GIPE-CIT**, ano 21, n.39, 2017-2. O Discurso Negro nas Artes Cênicas: processos, pesquisas, poéticas e epistemes.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças, FERREIRA, Fernando Ilídio da Silva. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. **ISSNe 1980 – 4512**. V. 19, n. 36, p. 252-271, jul – dez 2017.

FRANÇA, Elisete Santana da Cruz et AL. Masculinidades como se constitui no âmbito social? **Anais V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/30633>

FRANÇA, Gisela Wajskop. **O papel do jogo na educação das crianças**. Série Idéias n.7. São Paulo: FDE,1995.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, pp. 98-109, Jan/ Abr 2012.

LEITE, Nara de Cervino Teixeira. Geração afrotombamento baiana: a estética negra como meio difusor de empoderamento. **13º Colóquio de Moda**. 11 a 15 de outubro de 2017.UNESP, Bauru-SP.

LIGIÉRO, Zeca. O conceito de “motrizes culturais” aplicados às práticas performativas afro-brasileiras. **R. Pós Ci. Soc.** V.8, n.16, jul./dez. 2011.

LIMA, Cledson Severino de, REIS, Maria da Conceição dos, SILVA, Delma Josefa da. Afrocentricidade e Educação: um legado epistêmico para as pesquisas educacionais. **Revista Semana Pedagógica**, v.1, n.1/2018. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revisapedagogica>>

MARTINS, Edna, CANDIDO, Renata Marcilio. Práticas educativas de famílias negras e relações étnico-raciais: uma experiência em formação de professores. **ETD- Educ.Temat.Digit.** Campinas, SP, v.18, n.3, p.690-709, jul./set. 2016.

MATIAS, Emanuela Ferreira, RIBEIRO, Rosa Maria Barros. A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. **Anais do VI Fórum Internacional de Pedagogia.** Campina Grande, Vol. 1 Ed.4, ISSN 2316- 1086, Realize Editora, 2015.

MATTOS, Ivanilde [Ivy] Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. Pontos de interrogação, v.5, n.2, jul./dez., 2015. **Revista do Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural.** Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II- Alagoinhas-BA.

MIZAEL, Náíade Cristina de Oliveira, GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. **Revista eletrônica da Pós- Graduação em Educação.** UFG- Regional Jataí. ISSN 1807-9342. V.11, n.2, 2015.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afro-centrado. In: **Revista África e Africanidades**, v. III, p. 01-18, 2010.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. **Revista sul-americana de filosofia e educação-RESAFE.** Número 31: mai./out. 2019, p.53-70. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28256>

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.4, n.2, dezembro/2011.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de, SILVA, Jussara Alves da. Práticas Afroperspectivadas e griotagens em educação. **Revista da ABPN**, v.12, n.31, dez 2019- fev 2020, p. 72-94.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Tentando definir a estética negra em dança. **Repertório**, Salvador, n.24, p. 128-136, 2015.1.

PINHO, Osmundo. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador. **Revista Estudos Feministas (on line)** 2005, vol.13, n.1, pp.127-145. ISSN 1806-9584.

SACRAMENTO, Cristina Carla, JUNIOR, Laerthe de Moraes Abreu. Educação para relações étnico-raciais e seus desdobramentos históricos: os discursos sobre os negros no livro didático de História do Brasil *Nossa Pátria*, de Rocha Pombo. **Poiésis**, Tubarão. V.8, n.13, p. 248-264, Jan/Jun, 2014.
<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>

SANTOS, Rhaul de Lemos. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. **X Copene – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros.12** a 17 de outubro de 2018/ Uberlândia - MG.

SILVA, Luciane, SANTOS, Inaicyr Falcão dos. Colonialidade na dança e as formas africanizadas de escritas de si: perspectivas sul-sul através da técnica Germaine Acogny. **Conceição| Concept.**, Campinas, SP, vol.6,n.2,p. 162-173, jul./dez. 2017.

SILVA, Samia Paula dos Santos, MEDEIROS, Jarles Lopes de, DELFINO, Jair, MATIAS, Emanuela Ferreira, RIBEIRO, Rosa Maria Barros. A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. **Anais do VI Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande, Vol. 1 Ed.4, ISSN 2316- 1086, Realize Editora, 2015.

SILVA, Viviane de Paula, MUNIZ, Kassandra da Silva, SILVA, Elton José da, NASCIMENTO, Amanda Sávio. Baú de Ashanti: uma proposta de software educacional para o ensino e conscientização de questões étnico-raciais e de gênero. VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2017). **Anais dos Workshops do VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação (WCBIE 2017)**.

SOARES Rosana, SILVA, Carlos Alberto Silva da. Estética Negra e as possibilidades de emancipação na leitura de imagens. **Anais do VII Seminário Leitura de Imagens**. Florianópolis. Disponível em <https://www.udesc.br/ceart/nest/anais/viiseminarioleituradeimagens>

TESES:

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. **Educação e diversidade étnico-cultural: concepções elaboradas por estudantes no âmbito da Escola Municipal helen Magalhães**. 2008. 210 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2008.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Identidades e cultura afro-brasileira: a formação de professoras na escola e na universidade**. 2007. 224 f. Tese

(Doutorado), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2007.

MOREIRA, Anália de Jesus. **As concepções de corpo na Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê: um estudo a partir da história do bloco e das práticas pedagógicas das Escolas Banda Erê e Mãe Hilda.** 2013. 136 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação e Práxis Pedagógica, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2013.

NASCIMENTO, Daniela Galdino. **O terceiro espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03.** 2019. 356 f. Tese (Doutorado), Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2019.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira.** 2005. 353 f. – Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza (CE), 2005.

SANTOS, Terezinha Oliveira. **“Só agora eu falo alto”: reflexões acerca de “raça”, linguagem e gênero na formação docente em EJA.** 2010. 142 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2010.

SILVA, Elizabeth de Jesus da. **Jogos e corpos na educação das relações étnico-raciais: os jogos africanos no ensino regular e de tempo integral em escola pública da Bahia/Brasil.** 2018. 1 CD-ROM: II. ;4 ¾ pol. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2018.

SILVEIRA, Marta Íris Camargo Messias da. **O movimento social negro: da contestação as políticas de ações afirmativas e a implicação para aplicação da Lei Federal 10.639/03 – o caso da rede municipal de ensino de Santa Maria – RS.** 2009. 295 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2009.

DISSERTAÇÕES:

GONÇALVES, Veruska Barreiros. **Moda afro-baiana: comunicação e identidade através da estética afro.** 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado), Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2008.

- MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira**. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2014.
- MOURA, Terciana Vidal. **Tirando a máscara: as relações raciais na escola**. 2006. 226 p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2006.
- PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03**. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro (RJ), 2017.
- SANTOS, Aretusa. **Identidade negra e brincadeira de faz-de-conta: entremeios**. 2005. 164 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2005.
- SANTOS, Jadiel Ferreira. **ÒKÒTÒ: dança desobediente afrocentrada, caminhos para a formação em Dança no Ensino Superior sob os estudos das relações étnico-raciais brasileiras**. 2018. 246 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2018.
- SANTOS, Marluse Arapiraca dos. **Representação de gênero e raça no ensino fundamental: a construção da identidade do ser “Menina Negra” e do ser “Menino Negro”**. 2009. 191 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2009.
- SANTOS, Simone Magalhães. **Dinâmicas para a escolarização da criança negra em Salvador: a experiência da Escola Criativa do Olodum – ECO**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2015.
- SILVA, Elizabeth de Jesus da. **Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos *mancala* na aprendizagem da educação das relações étnico-raciais**. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2011.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Ossain como poética para uma dança afro-brasileira**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2016.

SILVA, Patrícia Santos. **Representação estética: a identidade étnico racial de crianças a partir de bonecas/os negras/os**. 2018. 137f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2018.

SOARES, Marília Carvalho. **Relações raciais e subjetividades de crianças em uma escola particular na cidade de Salvador**. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado), Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), 2011.

SOUZA, Edileuza Penha de. **TAMBORIZAR: história e afirmação da autoestima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo**. 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador (BA), 2005.

TEXTOS DA INTERNET:

<https://afrohistoricos.com.br/>

<https://medium.com/@faleafrofuturo/o-que-%C3%A9-afrocentricidade-ca1a0819b156>

<https://mundonegro.inf.br/dicas-para-a-menina-negra-de-hoje-ser-uma-mulher-feliz-no-futuro/>

<https://mundonegro.inf.br/duda-pimenta-me-sinto-honrada-em-representar-as-meninas-negras/>

<https://mundonegro.inf.br/livro-crespinhos-sa-autoestima-das-criancas-negras-por-meio-da-beleza-e-representatividade/>

<https://mundonegro.inf.br/o-pequeno-principe-preto-rodrigo-franca-nos-lembra-que-ancestralidade-tambem-e-coisa-de-crianca/>

<https://www.afroinfancia.com.br/?v=1e7e8b26a7f5>

<https://www.amorabonecas.com.br/>

<https://www.geledes.org.br/yoruba-lingua-memoria-e-parte-da-consciencia-do-povo-negro/>

<https://www.ludijogos.com/multiplayer/domino/regras/>

<https://www.megajogos.com.br/domino-online/regras>

<http://www.prittworld.com/brazil/www/pt/consumer/artesanato/jogos/o-jogo-da-memoria.html>

APÊNDICE A

MANUAL DO *ERE IRANTI* (JOGO DA MEMÓRIA)

Materiais:

1. Papelão;
2. Cola;
3. Imagens impressas das personalidades negras escolhidas;
4. Tesoura sem ponta.

Confecção:

1. Imprima anteriormente as imagens escolhidas;
2. Em sala de aula, oriente as/os alunas/os a recortarem as imagens colarem as mesmas nos papelões, deixando um pequeno espaço entre elas;
3. Oriente para que elas/eles recortem os papelões nos tamanhos das imagens, acertando as bordas, se necessário.

Como jogar:

O *Iranti*,¹ ou jogo da memória, pode ser jogado por 1 ou mais jogadores. Em uma superfície plana, coloque todas as cartas viradas para baixo. Começa quando a/o primeira/o jogadora/o vira duas cartas para cima, para que todas/os possam vê-las e depois as vira para baixo novamente no mesmo local. A/o próxima/o jogadora/o deve virar mais duas cartas para cima. Se alguma das cartas coincidir com as cartas anteriores, a/o jogadora/o ganha o par de cartas e tem outra chance de jogar. Caso tenha virado duas cartas diferentes, a/o jogadora/o deve virá-las novamente para baixo e no mesmo local. O objetivo do jogo é virar o maior número de pares de carta possível. Quem conseguir o maior número de pares vence o jogo. Em caso de apenas uma/um jogadora(o), o objetivo é encontrar todos os pares no menor tempo possível.

¹ A palavra *Iranti* é de origem Yorubá, e significa memória. Foi escolhida por ser o yorubá a língua africana mais falada na Bahia, dentre os grandes grupos étnicos que foram trazidos para o Brasil no século XVI.

MANUAL DO *ERE DOMINO* (JOGO DE DOMINÓ)

Materiais:

1. Pedras do dominó (geralmente são 28, mas neste caso a quantidade utilizada foi de 30 pedras, para fazer uma melhor combinação das imagens).

Confecção:

1. Fotografe os/as alunos/as da turma;
2. Exiba o documentário escolhido sobre personalidades negras de acordo com a realidade local (escolhi personalidades negras brasileiras na primeira experiência com o jogo, mas acrescentei personalidades negras estrangeiras) e peça que os/as estudantes escolham a que mais se identificam e/ou se sentem representados/as;
3. Anexe a foto da/o estudante à da personalidade negra escolhida, no Word, e formate no Power Point para dar forma de pedra de dominó às imagens;
4. Compre um jogo de dominó e confirme as medidas das pedras para dar as mesmas medidas às imagens que você formatou no Power Point;
5. Imprima as imagens em papel fotográfico adesivo e cole-as nas pedras.
6. Se preferir, faça formatos retangulares das imagens nas medidas escolhidas por você, imprima, recorte e cole em papelão ou EVA (acetato de vinila), e depois recorte as peças.

Como jogar:

As pedras do dominó são divididas em duas partes: metade com a imagem da/o estudante, e a outra metade com a imagem da personalidade negra escolhida. As pedras abarcam todas as combinações possíveis com essas imagens. Pode ser jogado em dupla, trio ou quarteto. As pedras são embaralhadas na mesa e cada participante pega 7 pedras para si. Os/as participantes decidem quem começa a partir da brincadeira de “zerinho ou 1”². Cada estudante deve tentar encaixar alguma peça sua nas peças que estão na extremidade do jogo, uma de cada vez. Quando a/o estudante consegue encaixar uma peça, a vez é passada para a/o estudante seguinte. Se a/o próxima/o estudante não tiver nenhuma peça que encaixe em qualquer

² *Zerinho ou 1* é uma disputa bastante conhecida na Bahia, feita com as mãos, para saber quem dá início a um jogo.

lado, deve passar a vez, sem jogar nenhuma peça. O jogo termina quando um/a estudante bate o jogo (fica sem nenhuma peça nas mãos), ou quando o jogo fica trancado (ninguém possui alguma peça que encaixe em qualquer extremidade).

APÊNDICE B- ATIVIDADES REMOTAS

Ação
 DGR
 O BRASIL

Escola Municipal Comunitária de Fátima
 Nome: Rihanna Cavalcanti
 Rua: Lorena Ribeiro
 Data: 8/09/2020 / Turma 5A
 Atividade de casa

Olá 5º ano! Vamos encontrar as personalidades negras brasileiras e estrangeiras no caça-palavras? Boa sorte!

PERSONALIDADES NEGRAS

A M I L T O N S A N T O S A C
 L R Y E L R A M B O B C V M A
 E N I N E G R A J Ô B N R A R
 D O D E V E Z A A R Í A M B L
 N I L A R G E N O J P R A O A
 A J A I M E S O D R É F D K A
 M I L U M K P C I L Z E I C K
 N F R V B E Y O N C É L C A O
 O B Q S B J Y G D H M L I R T
 S Á R B O C I R É L I E M A I
 L K A R O L C O N K A I E B R
 E L A G U T R O P E G R O J E
 N R A S É C O C I H C A E J N
 M I C H E L L E O B A M A H E
 D J A M I L A R I B E I R O J

BARACK OBAMA/ CARLA AKOTIRENE/ EMICIDA/ JORGE PORTUGAL/ MAÍRA AZEVEDO/
 NEGRA JÔ/ ÉRICO BRÁS/ BEYONCÉ/ CHICO CÉSAR/ HERALDO PEREIRA/ KAROL CONKA/
 MICHELLE OBAMA/ NEGRA LI/ BOB MARLEY/ DJAMILA RIBEIRO/ JAIME SODRÉ/ MARIELLE
 FRANCO/ MILTON SANTOS/ NELSON MANDELA.

Escola Municipal Comunidade do Horizonte
Aluno: Mariana Azevedo Cunha
Professor: Bernieria
Data: 12/09/2020




Olá 5º ano! Vamos encontrar as personalidades negras brasileiras e estrangeiras no caça-palavras? Boa sorte!

PERSONALIDADES NEGRAS

A M I L T O N S A N T O S A C
L R Y E L R A M B O B C V M A
E N I N E G R A J Ô B N R A R
D O D E V E Z A A R Í A M B L
N I L A R G E N O J P R A O A
A J A I M E S O D R É F D K A
M I L U M K P C I L Z E I C K
N F R V B E Y O N C É L C A O
O B Q S B J Y G D H M L I R T
S Á R B O C I R É L I E M A I
L K A R O L C O N K A I E B R
E L A G U T R O P E G R O J E
N R A S É C O C I H C A E J N
M I C H E L L E O B A M A H E
D J A M I L A R I B E I R O J

BARACK OBAMA/ CARLA AKOTIRENE/ EMICIDA/ JORGE PORTUGAL/ MAÍRA AZEVEDO/
NEGRA-JÔ/ ÉRICO BRÁS/ BEYONCÉ/ CHICO CÉSAR/ HERALDO PEREIRA/ KAROL CONKA/
MICHELLE OBAMA/ NEGRA LI/ BOB MARLEY/ DJAMILA RIBEIRO/ JAIME SODRÉ/ MARIELLE
FRANCO/ MILTON SANTOS/ NELSON MANDELA.

da Educação ALVADOR PREFEITURA CAPITAL DO BRASIL	ESCOLA MUNICIPAL COMUNITÁRIA HISTARTE	
	ESTUDANTE: <i>Associação de Pais dos Santos</i>	
	PROFESSOR (A): LORENA OLIVEIRA	
	DATA: <i>08/09/2022</i> TURMA: 5º A	
ATIVIDADE DE DANÇA		


...ano! Vamos encontrar as personalidades negras brasileiras e estrangeiras no caça-palavras? Boa sorte!

PERSONALIDADES NEGRAS

A M I L T O N S A N T O S A C
 L R Y E L R A M B O B C V M A
 E N I N E G R A J Ô B N R A R
 D O D E V E Z A A R Í A M B L
 N I L A R G E N O J P R A O A
 A J A I M E S O D R É F D K A
 M I L U M K P C I L Z E I C K
 N F R V B E Y O N C É L C A O
 O B Q S B J Y G D H M L I R T
 S Á R B O C I R É L I E M A I
 L K A R O L C O N K A I E B R
 E L A G U T R O P E G R O J E
 N R A S É C O C I H C A E J N
 M I C H E L L E O B A M A H E
 D J A M I L A R I B E I R O J

ARACK OBAMA/ CARLA AKOTIRENE/ EMICIDA/ JORGE PORTUGAL/ MAÍRA AZEVEDO/ NEGRA JÔ/ ÉRICO BRÁS/
 EYONCÉ/ CHICO CÉSAR/ HERALDO PEREIRA/ KAROL CONKA/ MICHELLE OBAMA/ NEGRA LI/ BOB MARLEY/
 JAMILA RIBEIRO/ JAIME SODRÉ/ MARIELLE FRANCO/ MILTON SANTOS/ NELSON MANDELA.

Nome Silva dos Santos
27/08/20



Olá 5º ano! Vamos encontrar as personalidades negras brasileiras e estrangeiras no caça-palavras? Boa sorte!

PERSONALIDADES NEGRAS

A M I L T O N S A N T O S A C
 L R Y E L R A M B O B C V M A
 E N I N E G R A J Ô B N R A R
 D O D E V E Z A A R Í A M B L
 N I L A R G E N O J P R A O A
 A J A I M E S O D R É F D K A
 M I L U M K P C I L Z E I C K
 N F R V B E Y O N C É L C A O
 O B Q S B J Y G D H M L I R T
 S Á R B O C I R É L I E M A I
 L K A R O L C O N K A I E B R
 E L A G U T R O P E G R O J E
 N R A S É C O C I H C A E J N
 M I C H E L L E O B A M A H E
 D J A M I L A R I B E I R O J

BARACK OBAMA/ CARLA AKOTIRENE/ EMICIDA/ JORGE PORTUGAL/ MAÍRA AZEVEDO/
 NEGRA JÔ/ ÉRICO BRÁS/ BEYONCÉ/ CHICO CÉSAR/ HERALDO PEREIRA/ KAROL CONKA/
 MICHELLE OBAMA/ NEGRA-LI/ BOB MARLEY/ DJAMILA RIBEIRO/ JAIME SODRÉ/ MARIELLE
 FRANCO/ MILTON SANTOS/ NELSON MANDELA.

cão

Matheus Santos Souza

Olá 5º ano! Vamos encontrar as personalidades negras brasileiras e estrangeiras no caça-palavras? Boa sorte!

PERSONALIDADES NEGRAS

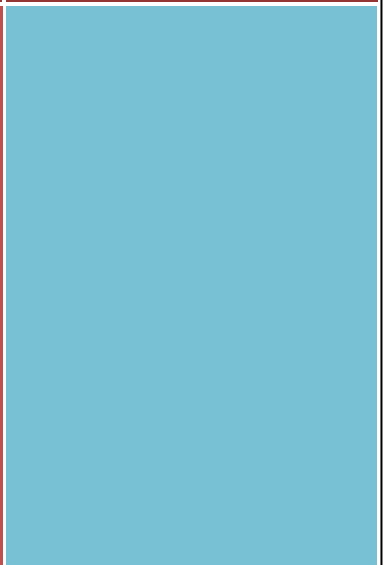
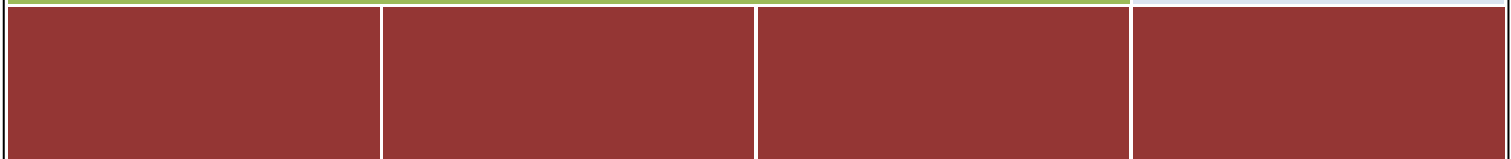
A	M I L T O N S A N T O S	A
L	R Y E L R A M B O B C V M	A
E	N I N E G R A J Ô B N R A R	R
D	O D E V E Z A A R Í A M B L	L
N	I L A R G E N O J P R A O A	A
A	J A I M E S O D R É F D K A	A
M	I L U M K P C I L Z E I C K	K
N	F R V B E Y O N C É L C A O	O
O	B Q S B J Y G D H M L I R T	T
S	Á R B O C I R É L I E M A I	I
L	K A R O L C O N K A I E B R	R
E	L A G U T R O P E G R O J E	E
N	R A S É C O C I H C A E J N	N
M	I C H E L L E O B A M A H E	H
D	J A M I L A R I B E I R O J	J

- BARACK OBAMA/ CARLA AKOTIRENE/ EMICIDA/ JORGE PORTUGAL/ MAÍRA AZEVEDO/
NEGRA JÔ/ ÉRICO BRÁS/ BEYONCÉ/ CHICO CÉSAR/ HERALDO PEREIRA/ KAROL CONKA/
MICHELLE OBAMA/ NEGRA LI/ BOB MARLEY/ DJAMILA RIBEIRO/ JAIME SODRÉ/ MARIELLE
FRANCO/ MILTON SANTOS/ NELSON MANDELA.

M
Ã
E
S
T
L
L
A



Artigos



SUMÁRIO

ARTIGO VI CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA DA ANDA – EDIÇÃO VIRTUAL 2020	2
1 O racismo nosso de cada dia.....	2
2 A importância dos jogos na educação	3
3 Representatividade, afrocentricidade e empoderamento.....	4
4 Estéticas negras na escola.....	6
5 Considerações Finais	9
REFERÊNCIAS	13
ARTIGO 6º ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA DA ANDA - 2019	15
1 Referencial Curricular Franciscano.....	16
1.1 Por um currículo afrocentrado e emancipatório	16
2 Afrocentricidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	20
2.1 Conscientizando crianças a partir das estéticas do corpo negro	20
3 Manifestações Culturais Brasileiras Como Instrumento Para Um Ensino Afrocentrado.....	22
3.1 A formação do Brasil e as Manifestações Culturais de Matriz Africana	22
3.2 Educação Afrocentrada e as Manifestações Culturais de Nazaré- BA	24
REFERÊNCIAS	27

ARTIGO VI CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA DA ANDA – EDIÇÃO VIRTUAL 2020

ERÉ EKO: JOGOS EDUCATIVOS

Lorena Conceição Moreira de Oliveira (UFBA)

1 O racismo nosso de cada dia

Se faz urgente falar sobre questões étnico-raciais no ambiente escolar. Durante anos a cultura africana e afro-brasileira foi invisibilizada e/ou marginalizada em nossa sociedade, como resquícios da escravidão no Brasil, a que foram submetidos os(as) nossos(as) ancestrais africanos(as).

As escolas enquanto espaços de construção e difusão do conhecimento, tem a obrigação de desconstruir o racismo que exclui, deturpa, rejeita, violenta e destrói a história e cultura de um povo, introjetando em suas mentes a inferiorização, a desvalorização e o complexo por não pertencer ao padrão hegemônico imposto pelo eurocentrismo.

A partir da lei 10.639/03 que trata sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica, avançamos parcialmente em relação à estas questões, mas a aplicabilidade da referida lei ainda é insuficiente, e necessita com urgência de ações realmente efetivas, de modo que a educação antirracista seja uma realidade nas escolas brasileiras.

O racismo é extremamente perverso e violento, e no ambiente escolar é facilmente percebido, desde as “brincadeiras” discriminatórias por parte dos(as) próprios estudantes, até a ignorância, despreparo e omissão por parte de alguns profissionais que ali atuam.

De acordo com Almeida (2019):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual

pertençam. (ALMEIDA, 2019, p.22)

Crianças e adolescentes que sofrem racismo na escola tendem a desenvolver baixa autoestima, dificuldades na aprendizagem e inabilidade no convívio social, pois se sentem desvalorizados(as), menosprezados(as) e excluídos(as), neste espaço que deveria ser de aprendizagem, união, respeito e difusão de conhecimento.

É a partir dessa grande lacuna sobre tudo o que diz respeito às questões que envolvem a negritude no ambiente escolar, que desenvolvo a minha pesquisa em busca de ações que favoreçam um empoderamento infantojuvenil a partir das diversas estéticas dos corpos negros.

2 A importância dos jogos na educação

Dentre as ações elaboradas está *Eré Eko* (livre tradução para jogos educativos em *yorubá*), um *combo* com dois jogos afro-educativos que eu desenvolvi conjuntamente com os(as) estudantes da comunidade escolar onde leciono.

É sabido que os jogos sempre tiveram um papel pedagógico relevante nos processos de ensino-aprendizagem, pois através deles a criança pode assimilar e compreender melhor a realidade e interagir com o mundo ao seu redor.

Segundo a professora Gisela França (1995), através do jogo as crianças “podem exercitar seu autocontrole, ao serem obrigados, durante a ação do jogo, a adaptar suas próprias ações às do companheiro e ao tema do jogo.”

De acordo com Huizinga (2000), em sua obra *Homo Ludens* o jogo é:

[...] uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras” (HUIZINGA, 2000,p. 13).

O jogo (de cartas, de desenhos, de danças, de pedras, e etc) é um recurso pedagógico que utilizo bastante em minhas aulas de dança, em

atividades dinâmicas que trabalham o aquecimento corporal, a coordenação motora e o ritmo; e desenvolvem a criatividade, o raciocínio e o autoconhecimento, a partir da representatividade.

E falando em representatividade, destacarei mais um trecho que considero importante da obra de Huizinga (2000), que fala sobre representação, e que está diretamente ligada à representatividade no sentido de complementaridade, como por exemplo, na execução de ações afirmativas de reparação étnico-racial. Segundo ele, a função do jogo:

Pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta *por* alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a “representar” uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. (HUIZINGA, 2000, p.14)

Eré Eko é um kit composto por dois jogos afro-educativos: *Ere Irantí* (Jogo da Memória), e *Ere Domino* (Jogo de Dominó). Para a construção do *Ere Irantí*, fiz um apanhado de figuras importantes da cultura baiana, atuantes na sociedade, apresentei em *slide* para as alunas e alunos do 3º e 4º anos, imprimi as imagens e coletivamente recortamos e colamos em pedaços de papelão as personalidades negras escolhidas. Assim construímos o nosso jogo. *Eré Eko* foi uma das possibilidades que encontrei para abordar a questão da representatividade negra com os(as) estudantes.

3 Representatividade, afrocentricidade e empoderamento

Falar sobre representatividade negra é também falar sobre memória. E memória é parte fundamental na cultura africana, a exemplo dos(as) griôs, e das religiões de matrizes africanas. Através de ambos, a valorização e o respeito à memória, é peça chave para a manutenção e atualização do conhecimento e tradições africanas na África e na diáspora.

Com o *Ere Irantí*, as crianças de forma lúdica tiveram a oportunidade através das imagens dos negros e negras presentes no jogo, de se reconhecerem, se divertirem, e principalmente de constatarem que apesar de

todo o racismo existente, é possível sim, pessoas negras ocuparem posições de destaque na sociedade. Sobre representatividade negra, a professora Vanda Machado nos diz que:

[...] as crianças negras carecem de um olhar diferenciado. Um olhar que contemple a sua beleza do jeito como ela é. As crianças negras crescem tomando tapas na alma. Não fomos rainha do milho. Não fomos rainha da primavera. Votávamos em rainhas que não nos representavam: rainha do milho, rainha da primavera, rainha do grêmio. (MACHADO, 2017, p.34).

O *Eré Eko* contribui de forma lúdica para uma educação antirracista, que está diretamente ligada à uma educação afrocentrada.

Sobre o termo afrocentricidade, os principais autores que norteiam a minha pesquisa são os professores e filósofos Molefi Kete Asante, Renato Noguera e a socióloga Elisa Larkin. Segundo o criador do termo afrocentricidade, o professor Asante:

A Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p. 93).

Quando Asante fala em *africanos*, significa negros e negras em África e na diáspora. É a noção de pertencimento enquanto povo preto. É ser e se identificar como negro(a), é ter orgulho de sua história e cultura ancestral.

Tanto Asante, quanto Noguera e Larkin, afirmam a afrocentricidade como a percepção dos africanos como sujeitos e agentes de sua própria imagem cultural, de acordo com as suas próprias perspectivas. Segundo Noguera:

Afrocentricidade consiste num paradigma, numa proposta epistêmica e também num método que procura encarar quaisquer fenômenos através de uma devida localização, promovendo a agência dos povos africanos em prol da liberdade humana. (NOGUERA, 2010, p.2)

Elisa Larkin afirma que:

Longe de sustentar-se em conceitos biológicos de raça, a afrocentricidade parte da afirmação de que a compreensão dos fenômenos se articula e ganha contornos especiais de acordo com a identidade do sujeito, o seu centro (LARKIN, 2009, p.181)

Este *kit* de jogos afro-educativos que eu desenvolvi, foi pensado com o

objetivo de visibilizar a cultura negra e favorecer um empoderamento por parte dos(as) estudantes negros(as), sobre suas próprias negritudes, a partir da identificação étnico-racial com as referências negras apresentadas, ou seja, criar mecanismos emancipatórios para os(as) estudantes no re(conhecimento) de suas ancestralidades afro-brasileiras. Além disso, o *Eré Eko* incentiva a prática de valores humanos como o respeito à diversidade étnica, por parte dos(as) estudantes não negros(as), contribuindo efetivamente para uma educação antirracista.

Sobre o termo empoderamento, palavra bastante utilizada na atualidade para exprimir o ato de dar poder a alguém, citarei a escritora Joice Berth em seu livro ***Empoderamento***, da coleção *Feminismos Plurais*. Nele, a autora afirma que:

No *Cambridge Dictionary*, dicionário da britânica Universidade de Cambridge, a palavra *empowerment*, termo cunhado pelo sociólogo estadunidense Julian Rappaport em 1977, tem o seguinte significado: “o processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você”. Da mesma forma, a palavra “empoderamento”, ao pé da letra, significa dar poder ou capacitar. Para o sociólogo, era preciso instrumentalizar certos grupos oprimidos para que pudessem ter autonomia (BERTH, 2019, p.23).

E completa dizendo que:

Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História (BERTH, 2019, p.19).

Neste sentido, o *Eré Eko* contribui para uma educação afrocentrada, ou seja, uma educação que traz o(a) estudante negro(a) para dentro da sua própria história, para ser o centro da sua história, (re)conhecendo suas referências culturais sob uma perspectiva própria, vista por ele(a) mesmo(a), e não contada por terceiros(as). Uma educação que favorece o empoderamento infantojuvenil em relação às diversas estéticas do corpo negro.

4 Estéticas negras na escola

Falar das estéticas do corpo negro é falar da cultura, ancestralidade e identidade negras que foram marginalizadas ao longo da história, pelo

eurocentrismo. Resgatar os padrões de beleza do corpo negro é reeducar o olhar através de uma educação estética orientada para o respeito à diversidade étnico-racial.

Sobre isso, Nilma Lino Gomes afirma que:

O racismo, com sua ênfase na superioridade racial, ajuda a construir no imaginário social a crença de que é possível hierarquizar os sujeitos e seu corpo. Nessa perspectiva, o negro é visto como pertencente a uma escala inferior. Produz-se, nesse contexto, um tipo de violência que impregna a vida de suas próprias vítimas, a ponto de se constituir em representações negativas do negro sobre si mesmo e seu grupo étnico/racial. (GOMES, 2019, p.146)

É imprescindível que se desenvolva no ambiente escolar um trabalho que valorize as características físicas e culturais afro-brasileiras, como por exemplo o fenótipo (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz e lábios); a religiosidade de matriz africana (candomblé, umbanda); e as indumentárias tradicionais (batas, turbantes, saias e vestidos coloridos com padrões gráficos africanos); a fim de que tais padrões estéticos sejam igualmente respeitados na sociedade brasileira.

A escola como local de construção e difusão do conhecimento, tem o dever dentre outras coisas, de orientar o seu corpo discente para o respeito à diversidade cultural e étnica, e valorizar e visibilizar os grupos étnico-raciais que até pouco tempo tinham as suas trajetórias e os seus legados marginalizados por uma sociedade pautada no eurocentrismo.

Jogos afro-educativos como o *Ere Iranti* e o *Ere Domino*, auxiliam os (as) estudantes de forma lúdica, a compreenderem e sentirem orgulho da sua ancestralidade afro-brasileira; bem como proporcionam uma melhora na autoestima a partir da representatividade e noção de pertencimento que aquelas personalidades negras apresentadas nos jogos lhes despertaram.

Na minha comunidade escolar, onde a maioria das crianças é pobre e preta, ver negros e negras em destaque na sociedade, é de suma importância para desenvolver nestas crianças a autoconfiança que elas necessitam para acreditarem que podem e devem algum dia ocupar esse mesmo lugar de destaque, tanto quanto qualquer outra pessoa não negra.

Na construção do *Ere Irantí*, a escolha das personalidades negras ocorreu de maneira espontânea, ou seja, os (as) estudantes escolheram os negros e negras que se identificavam, independentemente do seu engajamento político acerca de questões étnico-raciais.

Foi importante deixá-los (as) livres para fazer estas escolhas, mas, a partir do desenvolvimento da atividade, percebi que, uma personalidade negra sem envolvimento com as questões relacionadas à negritude, apesar de ser importante no que diz respeito à representatividade e à posição de destaque social na qual se encontra, é insuficiente para efetivar um trabalho de consciência e valorização da cultura afro-brasileira.

Baseada neste fato, para a construção do *Ere Domino*, escolhi personalidades negras brasileiras e estrangeiras com atuações relevantes em relação a tudo o que diz respeito à história e cultura do povo negro.

Em ambos os jogos haverá um manual de instrução orientando não só o modo de se jogar, como também explicando de maneira efetiva e de fácil entendimento, quem são as personalidades negras presentes no jogo, e quais as suas contribuições socioculturais no combate ao racismo. Dessa forma, ao mesmo tempo que o (a) estudante se diverte; aprende um pouco mais sobre a cultura negra, tão marginalizada e invisibilizada pela mídia eurocêntrica.

Com o *Ere Irantí*, percebi a felicidade por parte dos meus alunos e minhas alunas dos anos iniciais do ensino fundamental, tanto pela criação coletiva das turmas na confecção do jogo, quanto pelas figuras que ali se apresentavam, escolhidas por eles, representando cada um (a) que participou do processo. Inicialmente feito de papelão e papel ofício, *Ere Irantí* será reconstruído posteriormente em MDF (placas de madeira, sigla de *medium density fiberboard*) ou EVA (espuma sintética, sigla de acetato-vinilo de etileno).

Ere Domino não chegou a ser construído e executado por conta da pandemia do Novo Corona Vírus. Este jogo também será confeccionado posteriormente em formato de pedras de dominó de MDF, mas haverá uma versão impressa de ambos os jogos, que será encaminhada às famílias dos

(as) estudantes da escola onde leciono, para que o combo educativo *Eré Eko* seja construído em casa com os materiais que os (as) alunos (as) tenham disponíveis.

Essa construção dos jogos em casa, foi a maneira que encontrei de dar continuidade ao trabalho desenvolvido presencialmente ao longo de todo o ano de 2019 e início de 2020, além de contribuir como atividade pedagógica remota, solicitada pela Secretaria Municipal da Educação de Salvador (SMED).

O mesmo será feito com o *Ere Domino*. O jogo também fará parte das atividades pedagógicas que são encaminhadas semanalmente às famílias dos(as) estudantes; mas ao invés de ser recortado e colado em papelão como sugerido no *Ere Iranti*, as personalidades negras deverão ser localizadas em um caça- palavras.

Essas atividades remotas além de contribuírem para a continuidade da abordagem étnico-racial agora em ambiente familiar, me darão um retorno sobre como esse assunto foi tratado por cada família, pois as atividades são devolvidas semanalmente à escola pela maioria dos responsáveis.

5 Considerações Finais

Trazer para a sala de aula a discussão étnico-racial, vai além da obrigatoriedade da lei 10.639/03; é uma discussão imprescindível para a construção de uma educação antirracista. Através da ludicidade presente nos jogos educativos, professores (as), sejam eles (as) arte educadores (as) ou não, podem abordar este assunto que é tão importante para a formação de crianças e adolescentes que possivelmente reeducarão os seus olhares a partir de uma educação estética.

Com as minhas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, desenvolvi como preparação ao trabalho efetuado pelos jogos, algumas ações educativas que julguei importantes e assertivas para discutir negritude, racismo e estética com crianças pequenas ainda em formação.

Apresentei para apreciação um material audiovisual com bailarinas e

bailarinos negros nas diversas modalidades de dança: dança afro, balé clássico, dança contemporânea, *street dance*, etc. Foi extremamente importante iniciar com esse material no que diz respeito à representatividade negra.

Trabalhei com literatura negra infantojuvenil, em especial com o livro “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém; e em seguida debatemos a história apresentada, o que foi muito produtivo pois as crianças puderam desabafar a sua insatisfação ou satisfação com os seus cabelos crespos e refletir sobre a beleza dos mesmos.

Criei coreografia com a música “Cabeleira” de Arnaldo Antunes e Jorge Benjor, como forma de mais uma vez valorizar uma das características físicas da estética negra que é o cabelo crespo, o que elevou a autoestima de muitas crianças que cheios(as) de orgulho, soltaram e balançaram a cabeleira na coreografia.

Realizei um desfile da beleza negra, que contou também com uma oficina de turbantes, ministrada por uma aluna do 3º ano do ensino fundamental.

Para saber como as crianças se enxergavam, trabalhei com o autorretrato, pedindo às crianças que se desenhassem. O resultado foi bastante positivo pois crianças negras que tinham inicialmente se desenhado brancas, com os cabelos lisos e olhos claros, em um segundo momento, após o desenvolvimento de algumas ações, se desenharam negras como realmente são.

E após a apreciação de um documentário do *you tube* sobre personalidades negras brasileiras, criamos e confeccionamos um calendário afrocentrado com imagens dos(as) estudantes no mês de seu aniversário, seguido das personalidades negras que eles(as) admiravam.

Por último, construímos coletivamente o *Ere Iranti*, o qual foi jogado por todos (as) os (as) alunos (as) do 2º ao 5º ano do ensino fundamental da escola aonde trabalho. Foram momentos de muita diversão, bagunça e aprendizado.

Todas as ações foram extremamente importantes, mas considero o *combo* de jogos afro- educativos *Eré Eko*, uma das melhores e mais efetivas propostas desenvolvidas para o tratamento de questões étnico-raciais no ambiente escolar.

Através dos jogos, as crianças tem a oportunidade de conhecerem de maneira lúdica, pessoas negras brasileiras ou não, que além do destaque na mídia, utilizam a sua projeção social para visibilizar a cultura negra, em uma afirmação positiva da negritude, de valorização e respeito à etnia afro-brasileira e da diáspora.

Reconhecer a existência de uma beleza negra remete à percepção da alteridade, à construção das identidades, aos conflitos entre os diferentes padrões estéticos oriundos dos povos da diáspora africana e o padrão ocidental. Não se trata apenas da percepção vinda do pólo dos grupos étnico-raciais que, historicamente, se encontram no poder. Trata-se, também, de uma percepção construída pelos integrantes do outro pólo, de uma ressignificação de um padrão estético do ponto de vista do negro, como agente político. (GOMES, 2019, p.300)

Todas essas ações foram pensadas e desenvolvidas com o intuito de promover a partir da dança, ferramentas que favoreçam um empoderamento infantojuvenil dos (as) estudantes sobre a negritude e suas diversas estéticas; sobre representatividade negra; sobre autoestima; sobre pertencimento e reconhecimento da ancestralidade africana e afro-brasileira; sobre uma educação e um posicionamento antirracista.

Figura 1 – Personalidades do *Ere Iranti*.



Fonte – Imagens da internet.

Figura 2 – Personalidades do *Ere Domino*.



Fonte – Imagens da internet.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

BARROS, Zelinda dos Santos. Ensino de história e cultura afro-brasileiras nas escolas: rumo ao desvinculamento epistêmico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) - ABPN**, vol.7, p. 69 – 91, 2015.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen,2019. 184 p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem**. Tradução: José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia Lda, 1990.

CARREIRA, Denise e SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Guia metodológico – educação e relações raciais: apostando na participação da comunidade escolar**. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

FRANÇA, Gisela Wajskop. **O papel do jogo na educação das crianças**. Série Idéias n.7. São Paulo: FDE,1995.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3 ed.rev.amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4º ed.São Paulo: Editora Perspectivas S.A.,2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira - 1 ed- Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. 2º ed.- Salvador: EDUFBA, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232p.(Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1º ed.- Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PACHECO, Lílian. Dossiê Pedagogia Griô: escritas griô. In: **Revista DIVERSITAS**, São Paulo, v.2, n.3, p. 22-99, set. 2014/mar. 2015.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral. Contribuições do legado africano para a implementação da lei 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Pólen, 2019. 128p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem** – 1º ed.- Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. **O pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro**. São Carlos: Ed. da UFScar, 1997.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural**. São Paulo: Pólen, 2019. 208 p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

*Lorena C. M. de Oliveira: Mestranda em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança - PRODAN da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Arte Educação - Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio (ISEAC). Licenciada e bacharel em Dança - Escola de Dança da UFBA. Vice-diretora e professora de Dança - E. M. Comunitária da Histarte. loripa900@hotmail.com

**ARTIGO 6º ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES
EM DANÇA DA ANDA - 2019**

ENSINO AFROCENTRADO:

UMA PROPOSTA PARA ESTÉTICA NEGRA NA DANÇA.

Danilo dos Santos Ferreira (PRODAN-UFBA)*

Francisca Jocélia de Oliveira Freire (PRODAN-UFBA)**

Lorena Conceição Moreira de Oliveira (PRODAN-UFBA)***

RESUMO: Este relato de experiência visa investigar o impacto de propostas investigadas no Mestrado Profissional/ PRODAN, em pesquisas desenvolvidas nos espaços formais de educação básica nas redes municipais de educação de Salvador, Nazaré das Farinhas e São Francisco do Conde. Serão analisados procedimentos educacionais para o tratamento de questões étnico-raciais no currículo escolar (GOMES,2011) a partir da Dança (STRAZZACAPPA e MORANDI,2006), bem como o impacto de propostas para o desenvolvimento de uma estética negra com uma perspectiva afrocentrada (NOGUERA,2010) para os alunos. No primeiro subtítulo *“Por um currículo afrocentrado e emancipatório”* trataremos sobre o Referencial Curricular Franciscano, ou seja, o currículo escolar da cidade de São Francisco do Conde, bem como todos os atos de currículo e “tessituras” do mesmo até aqui, faz-se necessário propor uma educação atrelada ao modelo de educação tradicional africana: baseado nos princípios da coletividade, do cuidado com o outro, dos saberes e conhecimentos plurais, na ideia de ancestralidade, alto nível de espiritualidade e envolvimento ético, harmonia com a natureza e unidade do ser. No segundo subtítulo *“Afrocentricidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental”* trataremos dos aspectos para que se desenvolva um ensino afrocentrado nas escolas, considerando que primeiramente é preciso descolonizar o pensamento, rejeitar a imposição de padrões eurocêntricos, e valorizar a história e cultura africana e afrobrasileira, por tantos anos subjugadas e ignoradas. No terceiro subtítulo *“Manifestações Culturais Brasileiras Como Instrumento Para Um Ensino Afrocentrado”* faremos um breve levantamento de como ocorreu a colonização do Brasil considerando os aspectos que marginalizou a cultura negra e a formação das manifestações culturais de matriz africana durante esse processo histórico, buscando entender a importância da educação afrocentrada como fundamental para (re) significar a história que foi escrita sobre o papel do negro no processo de formação do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Procedimentos Educacionais. Afrocentricidade. Estética Negra.

ABSTRACT: This experience report aims to investigate the impact of proposals investigated in the Professional Masters / PRODAN, in researches developed in

the formal spaces of basic education in the municipal education networks of Salvador, Nazaré das Farinhas and São Francisco do Conde. Educational procedures for the treatment of ethno-racial issues in the school curriculum (GOMES, 2011) from Dance (STRAZZACAPPA and MORANDI, 2006), as well as the impact of proposals for the development of a black aesthetic with an afrocentric perspective (NOGUERA, 2010) for students. In the first subtitle "For an afrocentric and emancipatory curriculum" we will deal with the Franciscan Curricular Framework, that is, the school curriculum of the city of São Francisco do Conde, as well as all the curricular acts and "tessituras" of the same one so far, it is necessary to propose an education linked to the model of traditional African education: based on the principles of collectivity, caring for others, knowledge and plurality, on the idea of ancestry, a high level of spirituality and ethical involvement, harmony with nature and unity of being. In the second subtitle "Afrocentricity in the initial years of elementary school", we will deal with the aspects for the development of Afrocentric Education in schools, considering that it is first necessary to decolonize thinking, to reject the imposition of Eurocentric standards, and to value African and Afro-Brazilian history and culture, for so many years overwhelmed and ignored. In the third subtitle "Brazilian Cultural Manifestations as an Instrument for an Afrocentric Education", we briefly review how the colonization of Brazil took place considering the aspects that marginalized black culture and the formation of African cultural manifestations during this historical process, trying to understand the importance of Afrocentric education as fundamental to (re) signify the history that was written about the role of the Negro in the process of formation of Brazil.

KEYWORDS: Dance. Educational Procedures. Afrocentricity. Black Esthetics.

1 Referencial Curricular Franciscano

1.1 Por um currículo afrocentrado e emancipatório

Refletindo sobre o Referencial Curricular Franciscano, ou seja, o currículo escolar da cidade de São Francisco do Conde, bem como todos os atos de currículo e "tessituras" do mesmo até aqui, faz-se necessário propor uma educação atrelada ao modelo de educação tradicional africana: baseado nos princípios da coletividade, do cuidado com o outro, dos saberes e conhecimentos plurais, na ideia de ancestralidade, alto nível de espiritualidade e envolvimento ético, harmonia com a natureza e unidade do ser.

São Francisco do Conde é uma cidade que o território oscila entre região metropolitana de Salvador e Recôncavo Baiano de acordo com os interesses políticos e econômicos do Estado. O Município possui a população

majoritariamente negra, um dos motivos para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira -UNILAB implantar o campus dos Malês entre 417 municípios da Bahia.

Com a chegada da UNILAB e conseqüentemente dos africanos vindos dos países de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique, a cidade foi confrontada em seus preconceitos e processos identitários, bem como seus conhecimentos sobre a África. Apesar de a população ser majoritariamente negra, o sentimento de pertença e reconhecimento enquanto negro era algo irrisório. Os munícipes, em sua maioria, chamavam os africanos de angolanos e achavam que a África era um país. Houve diversos ataques xenofóbicos e racistas como se os africanos fossem pobres, aidéticos e que não tomavam banho.

A culpa desse (des)conhecimento não é somente da mídia que manipula os fatos e imagens ao seu bel prazer, mas também da Escola que não faz do seu currículo e ensino, um ensino afrocentrado e emancipatório.

Diante dessas emergências é primordial outra educação para os afro-brasileiros, próxima da realidade dos africanos continentais e da diáspora. A importância de um modelo de educação tradicional africana está relacionada à necessidade de outra forma de educar que não seja excludente, distante, autoritária e alienante como a educação baseada no eurocentrismo.

Vejamos algumas formas de pensá-los e conformá-los às quais reagem os coletivos. Em suas ações às formas parciais, superficiais de sua classificação que ocultam os processos mais radicais de sua interiorização e segregação, como coletivos humanos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico, têm sido: marginalizados, excluídos, desiguais, inconsciente. Formas de pensa-los e classifica-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificiais de segrega-los (ARROYO, pg 40, 2014). (grifos do autor)

Em outros sujeitos, outras pedagogias, ARROYO (2014) fala da necessidade de pedagogias outras para esses sujeitos que são múltiplos, diversos em suas culturas, conhecimentos, experiências e escolhas. MACEDO (2013) afirma que é assim que currículos e processos formativos

etnoimplicados vão se constituir em projetos que pode virar a página da tradição de se pensar-fazer-currículo-para-o-outro-sem-o-outro para se pensar-fazer-currículo-com-o-outro, intercriticamente.

Para fundamentar, respaldar e referenciar a ideia de currículo afrocentrado evocamos NOGUERA (2010). Logo no início Renato Nogueira dos Santos Júnior resume a essência do seu artigo com um provérbio Haussa “Enquanto não houver leões historiadores, a glória da caça irá sempre para o caçador. Forte essa verdade. Por muito tempo a história foi contada pelos caçadores, pelos colonizadores, pelos “descobridores civilizados”. Um texto reflexivo e provocativo sobre as questões que envolvem os fundamentos para uma educação afrocentrada.

A afrocentricidade é um pensamento, prática ou perspectiva que concebe o negro como sujeito e agente da sua própria história, epistemologias e futuro. É fundamental que em um currículo vivo, relacionado com o contexto, comunidade e alunos possam refletir acerca de quem somos. Pois é inadmissível que diante de tantas culturas, raças e etnias o currículo e as práticas educativas sejam baseadas em concepções eurocêntricas que violentam os alunos em vários aspectos, inclusive o estético.

Dessa forma o paradigma afrocêntrico pode ajudar a superar o eurocentrismo no sistema educacional brasileiro. A ideia de afrocentricidade surge em oposição ao eurocentrismo que legitima uma supremacia racial e ao mesmo tempo inferioriza a raça negra. Durante muito tempo os negros foram vistos como incapazes de produzir sua própria história. Vemos isso notoriamente nos livros didáticos e obras sobre o povo negro e África que eram contados por pessoas brancas, embora muitos autores e artistas negros tivessem as mesmas habilidades e competências ou maiores.

É notável que a Escola e a educação podem ser usadas como um aparelho ideológico do Estado, tendo em vista que a Escola é uma instituição social e um espaço de formação. Esse espaço formativo pode ser um lugar de reprodução de opressões e de uma educação diferente para os “colonizados”, “marginalizados”, pobres e pretos. Um lugar que almeje a permanência do

status quo.

[...] nós possuímos um futuro a ser celebrado. Um futuro que nós construiremos, sobre as fundações de nossa própria experiência histórica. Não temos mais necessidade de imitar o nosso opressor, ou de pedir emprestadas as suas filosofias, teorias ou idéias. Chegou a hora em que os africanos podem substituir os sistemas de pensamento eurocêntricos pelos seus próprios” (NASCIMENTO, 1982, p.31).

O pensamento de Bell Hooks (2013), que dialoga com Paulo Freire, nos faz perceber que é necessária uma educação como prática da liberdade, uma educação que promova a emancipação do sujeito e da sua autonomia. Fomos ensinados a obedecer, fomos ensinados que o belo é o branco e o cabelo liso, que o berço da civilização é a Grécia e conseqüentemente a Europa. Ficou evidente que a ideia é que tudo fora desse contexto é atrasado e ruim.

Essa pedagogia e educação engajada devem estimular os educandos a romperem e transgredirem essas opressões e obstáculos que foram impostos sobre eles de maneira direta e indireta por meio, também, do racismo institucional. Faz-se necessário um novo modo de educar que faça dos africanos e diaspóricos agentes e sujeitos das suas próprias histórias e epistemologias.

A Prof. Dra Lenira Rengel, falou em uma de suas aulas que o primeiro lugar de emancipação é no corpo. Isso é muito forte. Porque muitas das formas as quais fomos subjugados, discriminados e usados foi por razão do nosso corpo. Precisamos falar de corpo na educação, principalmente do corpo como um todo integral, sem separação de corpo e mente. Falar de amor e de beleza negra, falar de corpos negros transgressores, desobedientes, empoderados e emancipados.

O nosso primeiro objetivo/conteúdo/prática enquanto educadores deve ser tornar os nossos alunos conscientes da realidade social que eles estão inseridos, provocá-los a serem cidadãos críticos e fazê-los acreditarem que eles podem ocupar o espaço que quiserem, mesmo a presidência da república. Obama disse: Sim, nós podemos!

2 Afrocentricidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental

2.1 Conscientizando crianças a partir das estéticas do corpo negro

É necessário muito empenho para que se desenvolva um ensino afrocentrado nas escolas. Primeiramente é preciso descolonizar o pensamento, rejeitar a imposição de padrões eurocêntricos, e valorizar a história e cultura africana e afrobrasileira, por tantos anos subjugadas e ignoradas. Segundo NOGUERA, (2010) o ensino afrocentrado é “O que se traduz no campo da educação através da ênfase no ponto de vista que situa os povos africanos e a população afrodescendente como agentes e não coadjuvantes”.

Uma maneira que achei para trabalhar a afrocentricidade nas minhas aulas na Escola Municipal Comunitária da Histarte, em Salvador (BA), foi através das estéticas do corpo negro. Trazendo referenciais imagéticos afrocentrados, consigo contar às crianças a história que nunca foi contada, mostrar a existência de negras e negros bem sucedidos nos diversos setores da nossa sociedade, com imagens positivadas da negritude.

Um bom exemplo disso, são as imagens de bailarinas e bailarinos negros no balé clássico. O balé clássico está no imaginário da maioria das crianças como aquela bailarina magra, branca e lânguida, girando nas pontas dos pés. Quando as crianças vêem outras imagens, com bailarinas negras, com sapatilhas de ponta e meias na cor da pele negra, em suas variadas matizes, dançando balé, girando nas pontas dos pés; elas se reconhecem, se identificam, e aos poucos começam a valorizar a cultura e a história do seu povo, dos seus ancestrais.

Outra questão polêmica quando se fala em negritude, em estética do corpo negro, na escola, é o cabelo crespo. A aceitação do cabelo crespo por parte das crianças é um desafio grande a ser percorrido e superado pois “o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade” (GOMES,2019).

Elucidar para a criança negra a beleza das suas características físicas como cor da pele, cabelo crespo, lábios carnudos e nariz largo, fazendo-a

gostar de si como é, valorizando sua raça, sua negritude; está diretamente relacionado com o fortalecimento da autoestima dessas crianças.

Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima. E, ainda que sejam motivados a se empenhar ainda mais para alcançar o sucesso, porque desejam superar os sentimentos de inadequação e falta, esses sucessos serão minados pela persistência da baixa autoestima (HOOKS,2019, p.60).

A autoestima das crianças negras nas escolas precisa de diversos estímulos externos para que as crianças se desenvolvam plenamente, felizes e orgulhosos da sua história, da sua ancestralidade, da cultura de seu povo, com referenciais positivos da sua raça, da sua pertença.

Outra maneira que encontrei de auxiliar na melhoria da autoestima das crianças em relação à conscientização, aceitação e valorização da negritude, foi trabalhar com a literatura negra infanto juvenil e mitos africanos. A leitura de livros que abordem o tratamento de questões etnicorraciais para crianças, bem como a leitura de mitos africanos que falem sobre valores, cultura e ancestralidade africana e afrobrasileira, e uma posterior criação coreográfica a partir dessas leituras, desses estímulos visuais, é de suma importância para o desenvolvimento de um ensino afrocentrado.

Enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra. (HOOKS,2019, p.60)

Trata-se de reeducar o pensamento, descolonizá-lo, reeducar a criança para que aos poucos, de maneira gradativa ela comece a empoderar-se, a se reconhecer e se orgulhar de sua bagagem ancestral, das suas características físicas, da sua descendência africana, e da sua negritude no caso das crianças negras, e também pensar numa descolonização do pensamento das crianças não negras, que ainda se encontram num lugar de privilégio promovido pelo racismo presente em nossa sociedade, de que não existe um padrão estético de beleza, de superioridade, e nem de raça, pelo contrário; nenhuma raça, se sobrepõe a outra, nenhuma é inferior ou superior à outra, nem deve ser subjugada, discriminada, ridicularizada ou explorada pela outra.

“Em um contexto supremacista branco, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora.” (HOOKS,2019, p.47)

É importante também reeducar, descolonizar o pensamento eurocêntrico não só das crianças mas de toda a comunidade escolar, gestão, professores, coordenação, funcionários e mães/pais e/ou responsáveis; para que realmente possamos ter de fato uma educação afrocentrada. Afrocentricidade não é uma versão negra do eurocentrismo (ASANTE,1987). Eurocentrismo está assentado sobre noções de supremacia branca que foram propostas para proteção, privilégio e vantagens da população branca na educação, na economia, política e assim por diante. De modo distinto do eurocentrismo, a afrocentricidade condena a valorização etnocêntrica às custas da degradação das perspectivas de outros grupos (NOGUERA, 2010).

3 Manifestações Culturais Brasileiras Como Instrumento Para Um Ensino Afrocentrado

3.1 A formação do Brasil e as Manifestações Culturais de Matriz Africana

A formação do Brasil é marcada pela mistura de três povos os negros, os índios e os brancos, o que nos transformou em um dos países mais miscigenados do mundo. Porém, apesar da forte influência dos povos citados, nossa história ficou marcada pela valorização da cultura eurocêntrica em detrimento da cultura indígena e africana, que durante o processo de colonização do Brasil foi marginalizada, renegada e discriminada. O resultado desse processo histórico é uma desigualdade determinada pela cor da pele, o que conseqüentemente levou a uma desvalorização de tudo que estivesse relacionado ao povo negro e sua cultura.

O etnocentrismo, e o preconceito se mostram evidente no Brasil quando observamos o conteúdo da programação da televisão e das revistas, dos meios de comunicação como um todo, em que excluem ou coloca os negros de uma maneira bem singular, quase não fazendo menção sobre temas ou assuntos vinculados à cultura negra. O que se evidencia é um contraste entre o número de negros em nossa sociedade e sua representatividade. (RIBEIRO, 2012.)

Apesar da evidente influência do povo negro africano na construção das manifestações culturais brasileiras os autores Passos; Nascimento e Nogueira (2016) afirmam que “O modelo de política cultural estabelecido no Brasil ainda tende a legitimar apenas uma pequena parcela da população como produtora de memória, história e cultura”. Para os autores isso é produto de um projeto de nação excludente fundamentado “em teorias raciais, produzido pela elite brasileira entre o século XIX e os anos iniciais do século XX, e que tinha como perspectiva um país branco, “civilizado” e europeu.”

Entretanto, toda essa organização para manutenção de uma hierarquia de uma cultural sobre a outra não conseguiu desvincular da formação cultural do povo brasileiro as fortes influências africanas, e essa influência não ficou apenas em um seguimento, mas se estendeu para vários aspectos culturais, segundo Alves e Cacione (2014):

A contribuição do negro em todos os segmentos da cultura brasileira é incontestável, seja na música, na dança, na culinária, na religiosidade, enfim toda nossa cultura tem um pedaço da África. A vinda dos africanos, trazidos de vários pontos da África, para viverem como escravos, trouxe também sua cultura, religião, comidas típicas, músicas, vestimentas, etc e contribuiu para que esses elementos fossem inseridos em nosso país.

Não é difícil encontrar em qualquer região do Brasil exemplos de manifestações culturais que são de matrizes africanas, seja na música, na dança, na culinária e na religião. A Fundação Cultural Palmares apresenta em sua página na internet diversas manifestações culturais de matrizes africanas, entre elas: O Afoxé; Os Blocos Afro; Bumba-meu-boi; Cacuriá ; A Capoeira; Carreiros; O Carimbó; A Ciranda; A congada; As Escolas de Samba; Folia de Reis; Frevo; Jongo; Maculelê; Marabaixo; Maracatu; Marujada; Negro fugido; Teatro Experimental do Negro entre tantas outras, como afirma Alves e Cacione (2014)

Observa-se que a cultura africana, não se limita à religião, dança, música, culinária e idioma encontrando-se no Brasil até os dias atuais. Pode-se identificar essa influência nos rituais de Candomblés, Umbanda, nos jogos atléticos como capoeira, bate-coxa e nas danças como, Frevo, Samba, Batuque, Axé, Lambada, entre outros.

O povo brasileiro não tem como negar a grandiosidade da influência dos povos africanos para construção das manifestações culturais brasileiras,

consequentemente da sua identidade, alguns dos maiores símbolos que representam o Brasil são de matriz africana o Samba, na música ou na dança, o frevo, a capoeira, o Olodum entre tantos outros exemplos.

3.2 Educação Afrocentrada e as Manifestações Culturais de Nazaré- BA

Ao fazermos um breve levantamento de como ocorreu a colonização do Brasil considerando os aspectos que marginalizou a cultura negra e a formação das manifestações culturais de matriz africana durante esse processo histórico, podemos entender a importância da educação afrocentrada. Não se trata de uma nova experiência etnocêntrica, de uma proposta de superiorizar uma cultura sobre a outra, o que a afrocentricidade coloca em questão é a localização, pois os africanos estão na margem da cultura eurocêntrica, Nogueira (2010)

Em outras palavras, o que é decisivo se encontra na tomada da cultura e história africana como referencial de todas as atividades. É importante frisar que se trata “de uma ideia fundamentalmente perspectivista” (Asante, 2009, p.96), sem par com qualquer tipo de fundamentalismo, etnocentrismo ou visão fechada.

A partir desta perspectiva é possível reformular os lugares predeterminados, os padrões que foram estabelecidos com base em uma cultura eurocêntrica considerada superior, modelo único e valorizado em relação as outras culturas, e colocar, de acordo com Nogueira (2010):

“As referências africanas como centro”, e no âmbito educacional situar “os povos africanos e a população afrodescendente como agentes e não coadjuvantes”. Assim, reconhecer e abordar as manifestações culturais brasileiras de matriz africana no ambiente escolar por uma perspectiva afrocentrada é um caminho para evitar “a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória histórica e cultural e, por conseguinte, todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção de saberes ao longo da história da humanidade”.

O recôncavo baiano é um grande pólo cultural formado por várias cidades onde surgem diversas manifestações culturais de matriz africana, segundo Santos (2018):

O recôncavo baiano é rico culturalmente, se fossemos escrever todas as manifestações culturais presente neste território certamente levaríamos anos e não caberia nos livros. Isso demonstra o quanto o recôncavo tem um arsenal cultural diverso. O Recôncavo baiano é um território demarcado geograficamente em torno da Baía de Todos-

os-Santos. O termo Recôncavo é utilizado para referir-se às cidades próximas à Baía de Todos-os-Santos, limitando-se ao interior, ou seja, isenta-se Salvador, capital do estado, no limite norte.

Um dos maiores símbolos da cultura brasileira nasce no recôncavo baiano, o Samba, Santos (2018) aponta que

O Recôncavo foi o berço do samba de roda, e tem sido o lugar onde, por volta de 1860, teriam surgido as primeiras manifestações do gênero musical, recentemente proclamado como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

É no recôncavo que se encontra o município de Nazaré-BA, mais conhecida como Nazaré das Farinhas, a justificativa deste nome dado ao popularmente dado município é apresentado por Souza (2016)

Devido à importância do município como produtor de mandioca, a cidade ficou conhecida por “Nazaré das Farinhas”. Seu porto, situado no limite da navegação do rio Jaguaripe, especializou-se como porto farinheiro. Nazaré durante a década de 1950 estava inserida no cenário desenvolvimentista e apresentava juntamente com outros municípios do recôncavo sul baiano a sua relevância enquanto cidade produtora agrícola, especialmente da farinha de mandioca, daí ter recebido o cognome Nazaré “das farinhas”, até hoje popularmente conhecida.

Entretanto o município de Nazaré- BA não ficou apenas conhecido pela farinha que produz, mas também pela Feira de Caxixis a maior manifestação cultural da cidade, a Feira acontece há 300 anos sempre durante o período da Semana Santa. De acordo com a revista anual Caleidoscópio – Outro olhar sobre o lugar (2015)

Essa Feira é indiscutivelmente um palco cultural , pois é possível perceber todas as diversidades encontradas nela, desde as peças vendidas, como os visitantes e também na musicalidade que acontece na noite . A Feira de Caxixis é considerada como um patrimônio imaterial, pois a hereditariedade conservou seu tradicionalismo até os dias atuais, mostrando assim, o costume, a popularidade das peças, bem como nas expressões em cada vaso, boneca ou outra obra constituída na forma de moldar a argila . Tudo isso, a caracterizou como a maior feira de artesanato ao ar livre na América Latina.

Durante a I unidade do ano letivo na disciplina artes da Escola Reunidas Nosso Senhor do Bonfim, localizada no município de Nazaré- BA, uma das propostas de atividade é a realização de uma pesquisa sobre a história da Feira de Caxixis e sua importância para comunidade da cidade.

Na Semana Santa, quando ocorre a Feira, os alunos realizam uma pesquisa de campo entrevistando artistas locais que vendem suas obras de arte durante a Feira, e também os turistas que frequentam a cidade e buscam conhecer essa manifestação cultural, além de registrar a ação dos artistas nas olarias que “são as casas de produção utilizadas pelos oleiros para transformar o barro em Caxixis, em que há sempre um oleiro pronto para contar as suas histórias e mostra o seu trabalho.” Caleidoscópio – Outro olhar sobre o lugar (2015), todo esse material é editado e transformado em um vídeo disponibilizado na página do YouTube denominada de “Disciplina Artes”.

O principal objetivo desta atividade é aproximar os alunos de uma das maiores manifestações culturais de sua localidade e que é desenvolvida por artistas predominantemente negros afrodescendentes, reconhecendo a indispensável participação do negro na formação da identidade cultural local e nacional, além de instigar os alunos a conhecer a história e o surgimento desta manifestação e sua importância para manutenção não apenas da tradição, mas da economia da cidade.

Portanto, abordar essa manifestação cultural no ambiente escolar centraliza o papel protagonista do negro na construção desse importante patrimônio cultural que pertence e só existe neste lugar, no município de Nazaré- BA, é fundamental para um outro olhar que colabora para (re) significar a história que foi escrita sobre o processo de formação do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aparecida; CACIONE, Cleusa. **A cultura africana nas manifestações brasileiras: música e dança (samba). Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor Pde Artigos.** Cadernos PDE. Paraná. Volume 1. 2014.

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis: Vozes, 2014.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução: Stephanie Borges. Edição: Tadeu Breda. Editora Elefante, 2019.

HOOKS, Bell; **A teoria como prática libertadora.** In: _____ **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares.** Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013

NASCIMENTO, Abdias (org.). **O Negro Revoltado.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afrocentrado.** Revista África e Africanidades, v. III, p. 01-18, 2010.

PASSOS, Joana Célia; Nascimento, Tânia Tomázia; Nogueira, João Carlos. **Patrimônio cultural afro-brasileiro: São José, um estudo de caso.** Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 29. janeiro-abril 2016.

RIBEIRO, Josuel Stenio da Paixão. **A formação do povo brasileiro e suas consequências no âmbito antropológico-** Revista Multidisciplinar. Edição 14. Presidente Prudente: Unisinos, 2012.

SOUZA, Cíntia Maria Luz Pinho de. **Possibilidade de pesquisa para a história da Educação na Bahia: arquivos, acervos e fontes encontradas nos Núcleos Regionais de Educação da Bahia: resultado da pesquisa documental da Escola Normal de Nazaré-BA (1934 a 1960)** / Cíntia Maria Luz Pinho de Souza. – Salvador, 2016. UNEB.

SOUSA, Danilo Santos de, SOUSA, Erahsto Felício de, COSTA Layane Assis, MOREIRA, Rosângela Patrícia de Sousa e SOUZA, Tássio Santana. **Caleidoscópio - Outro olhar sobre o lugar** Revista Anual Editores: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, 2015. Ano I. Disponível em 25 de junho de 2019:

http://www.palmares.gov.br/?attachment_id=40427

* Mestrando em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-PRODAN da Universidade Federal da Bahia(UFBA). Licenciado em Dança pela UFBA (2012). Especialista em Ensino de Artes pela Universidade Cândido Mendes - UCAM(2017).Licenciando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -UNILAB. nilo.ferreirardn@hotmail.com

** Mestranda em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-PRODAN da Universidade Federal da Bahia(UFBA). Licenciada em Dança e em Educação Física pela UFBA. Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer Escolar pela Faculdade Social da Bahia (FSBA). Professora de Dança no Colégio Módulo (Salvador-BA), professora de artes no município de Nazaré das Farinhas- BA. joceliafreiredancadesalao@gmail.com

*** Mestranda em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-PRODAN da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Arte Educação pelo Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio (ISEAC). Licenciada e bacharel em Dança pela Escola de Dança da UFBA. Vice-diretora e professora de dança da Escola Municipal Comunitária da Histarte. loripa900@hotmail.com